

# OVERMUNDO

no. 04  
nov-dez 2011  
overmundo.com.br

—  
#fantástico  
#maravilhoso  
#mitos  
#lendas  
#assombração  
#cinema  
#arte urbana  
#rádio



prêmio  
**SESC RIO**  
de fomento à cultura



Realização

Instituto Overmundo

—

Conselho Diretor

Hermano Vianna

Ronaldo Lemos

José Marcelo Zacchi

—

Direção Executiva

Oona Castro

—

Coordenação Editorial

Viktor Chagas

—

Coordenação de Tecnologia

Felipe Vaz

—

Coordenação de Economia da Cultura

Olívia Bandeira

—

Editora-Chefe

Cristiane Costa

—

Editores Assistentes

Viktor Chagas

Inês Nin

—

Edição de arte

Bemvindo Estúdio

—

Projeto gráfico original para versão estática

Retina 78

—

Projeto e desenvolvimento de aplicativo para iPad

Metaesquema Projetos em Arte e Tecnologia

Sistemas

Cabot Technology

Solutions Pvt. Ltd.

—

Colaboraram para esta edição

Glêns Nascimento (TO)

Henrique Reichelt (RS)

Janaína Serra (SE)

Jean Marconi (DF)

João Xavi (Alemanha)

Marcelo Cabral (AL)

Marcos Paulo (RO)

Mariana Filgueiras (RJ)

Renata Melo (RJ)

Sinvaline (GO)

Tiago Rubini (RJ)

Zema Ribeiro (MA)

e muitos outros

—

Capa

Evandro Prado

—

Imagens

Evandro Prado

Janaína Serra

Jean Marconi

João Xavi

Leônidas Vidal

Marcelo Cabral

Marcos Paulo

Renata Melo

Toniolo

+ reproduções autorizadas e outros

—

A Revista Digital Overmundo é resultado do Prêmio SESC Rio de Fomento à Cultura na categoria Novas Mídias 2010 e derivada do site Overmundo, patrocinado desde seu lançamento pela Petrobras.



O conteúdo desta revista eletrônica integra o site Overmundo e está disponível sob uma licença Creative Commons Atribuição-Uso não-comercial-Compartilhamento pela mesma licença 3.0 Brasil (CC BY-NC-SA 3.0).

Pautas e sugestões de pautas para a Revista Overmundo podem ser publicadas diretamente no site Overmundo. A equipe editorial da revista está de olho nos conteúdos que circulam na rede. Quem sabe não é uma boa oportunidade para você exercer a sua veia de repórter e contar pra gente o que de bacana acontece na cena por aí, na sua cidade? ;-)

editorial

—

Fantástico, incrível, inimaginável. Não faltam sinônimos nem concepções diferentes para esta palavra. Daquilo que só existe na fantasia ao excepcional, inusitado, maravilhoso... Acredite se quiser, o mundo está cheio de coisas inexplicáveis, como a árvore em forma de mulher grávida que virou até ponto de referência em Nova Iguaçu, na Baixada Fluminense. Reza a lenda que uma mulher teria sido assassinada por um marido ciumento bem no exato local onde hoje se encontra uma frondosa mangueira. Parece história de acampamento, não?

Quem quer que ande por este Brasil afora ouve histórias de fantasmas e assombrações, sacis, lobisomens, procissões de almas, como mostra a pesquisadora que mapeou lendas e mitos do folclore capixaba. Há também o nego d’água, imortalizado no Lago Serra da Mesa, em Goiás, paisagem represada construída pelas mãos do homem. Se é certo que a eletricidade e o desmatamento afetaram radicalmente a ecologia do mundo fantástico, também as cidades produziram mitos urbanos, como a mulher da capa preta, que tem até túmulo

e fieis admiradores em Maceió (além de um bloco carnavalesco em sua homenagem).

Alguns desses casos extraordinários já foram parar na imprensa, como as feiticeiras de Curitiba retratadas na coluna “Vitrine do Diabo”, do jornal *Diário da Tarde*. Outros foram inventados pela própria imprensa. *A guerra dos mundos*, que assustou os americanos quando narrada em tom jornalístico por Orson Welles, também pregou uma peça nos moradores da capital maranhense, em 1971, quando transmitida pela Rádio Difusora. Devido à credibilidade do rádio naquela época – quando televisão era coisa de poucos ricos – e do formato jornalístico do programa, com flashes ao vivo, entrevistas de repórteres locais com especialistas e moradores, e sonoplastia caprichada, teve gente já se preparando para o fim dos tempos.

Mas nem sempre o fantástico se confunde com a ficção. Às vezes, tem um tom real dramático e assustador. Em 2005, por exemplo, um surto de “treva preta” acometeu 252 moradores em Araguatins, Norte do Tocantins. Nenhum médico ou cientista foi capaz de explicar

por que as pessoas que se banhavam no Rio Araguaia ficaram cegas.

Do fantástico ao improvável, a Revista Overmundo traz ainda a história da Copacabana Records, uma loja de LPs especializada em música brasileira que faz sucesso na... Alemanha. E é real, mas poderia ser inventada, a figura do Conde Belamorte, poeta mineiro que sai pela rua com sua manta negra coberta por ade-  
reços de caveiras.

Bem conhecido da população local é o caso não menos incomum do policial T.O.N.I.O.L.O., ícone das pichações de Porto Alegre, que deixou sua marca gra-  
vada até no Palácio do Planalto. E, cá para nós, comum também não é a história do radialista J.C., que há 30 anos transformou o sofrimento de uma traição amorosa no programa dominical “Hora do Boi”, sucesso da rádio Transamazônica de Porto Velho. Não há remédio para chifre, mas para quem vai dar a volta por cima e começar uma nova relação deve ficar atento numa frutinha do cer-  
rado que garantem ser ótimo afrodisíaco, o pequi. Pode ser lenda, ou até desculpa esfarrapada, mas em Minas o pequi é quase um boto: fala-se em “filhos do pequi”, para denominar as crianças que nascem nove meses depois da colheita da fruta. Não acredita? A Revista Overmundo está aí para (você) provar...

Cristiane Costa  
Viktor Chagas



Evandro Prado

## sumário

—

6	O verdadeiro ensaio sobre a cegueira
10	A Mulher da Capa Preta
16	As raízes de uma gravidez
20	40 anos depois, <i>A guerra dos mundos</i> é recontada em livro
26	Reza brava
30	A Lenda do Nego D’Água
34	Overmundo em pílulas
36	Parnaso de além tumulto

38	Poemas sobrenaturais do Conde Belamorte
40	TONIOLO O LOINOT
48	Quando as águas dormem
54	Um mundo que continua girando a 33 e 1/3
60	O corno mais assumido do Brasil na sintonia do chifre
64	Ouro do sertão
68	Iconografia pop



# O verdadeiro ensaio sobre a cegueira

Documentário relata o surto de “treva preta” que acometeu 252 moradores em Araguatins, Norte do Tocantins em 2005

Glês Nascimento

divulgação



João Batista tomou banho às margens direitas do Rio Araguaia. Em algumas horas, os olhos começaram a coçar e arder. Dias depois, ele estava cego. Uma massa branca cobria o olho esquerdo e ele não enxergava mais nada. Depois dele, vieram outros. Todos com os mesmos sintomas. Parece com algum filme que você já viu ou com algum livro que você já leu? Sim. Lembra muito a obra *Ensaio sobre a cegueira*, clássico de José Saramago, filmado por Fernando Meirelles, e exibido nas salas de cinema de todo o mundo em 2008.

Mas não é. A história que parece ficção é real, e aconteceu de fato em 2005 em Araguatins, Norte do Tocantins, localizada a 601 km de Palmas. De tão inusitado, o caso virou filme: o documentário *O mistério do globo ocular*, do cinéfilo, jornalista e documentarista Werbert Araújo.

“Fernando Meirelles e Saramago que me perdoem”, afirma o jornalista. Ele faz a *mea culpa* das semelhanças, porque não podia deixar de filmar a doença misteriosa que acometeu 252 moradores de Araguatins, entre 2005 e 2007.

O documentário fez parte do 4º Concurso DocTV Brasil e foi exibido em 2010 para todo o país pela TV

Brasil. “O slogan do DocTV dizia assim: quando a realidade parece ficção está na hora de fazer um documentário. E foi o que fiz”, disse Araújo.

## Um mais igual que o outro

As histórias se parecem, mas também há diferenças. No filme de Araújo, as pessoas declaram enxergar a escuridão. “Tudo preto, eu vejo tudo escuro”, disse João Batista. Já em *Ensaio sobre a cegueira*, a treva é branca, como leite. “Claro que me baseei no livro. Quando entregamos o roteiro, o filme ainda não tinha sido lançado, estava em produção, mas fiz questão de reler o livro”, afirmou Araújo.

Segundo ele, a história de Saramago marcou muito uma fase de sua vida. “Li num período muito ruim, era 2001, estava desempregado.” O livro foi revisitado quando ele teve a ideia do filme. Araújo trabalhava num jornal local e viajou, assim como dezenas de jornalistas do Brasil, para relatar a história de Araguatins. “Essa conexão com o *Ensaio sobre a cegueira* aconteceu porque, quando as pessoas estão numa situação extrema como esta, acabam perdendo o caráter de humanidade. Entram em desespero”, lembrou.



Em *O Mistério...*, a aflição é tanta que um dos personagens quis cortar a retina com uma lâmina para tirar a agonia. Ele pensou em tomar cachaça e arrancar o mal pela raiz levando a dor e o desconforto que a treva ocular o causou. Ouvi-lo falar isso chega a dar tristeza em quem assiste ao documentário. Outro personagem sofreu tanto com a dor que colocou uma prótese no lugar do olho.

#### A vida imita a arte ou vice-versa

Araguatins era um município que jamais mereceria destaque nacional até então. Com 30 mil habitantes, a cidade é pacata e se movimentava mesmo de julho a setembro, durante a temporada de praia – de água doce – que lotava de banhistas o Rio Araguaia.

Mas o cenário mudou quando começou o surto de cegueira. Em três anos, muitas pessoas começaram a perder a visão depois de tomar banho no rio – ironicamente o mesmo que dava sustento através da pesca e movimentava o turismo local. “Foi uma situação atípica para a cidade de Araguatins e para o mundo”, lembra o jornalista.

O episódio marcou o Tocantins e, na época, atraiu a imprensa nacional e internacional, médicos, pesquisadores e muitos curiosos. “Eu tive a sorte de

ser repórter do *Jornal do Tocantins* e ter sido encaminhado para aquela cidade por diversas vezes para noticiar o problema. Com o passar do tempo, já fora do jornal, mas realizando várias viagens àquele município, percebi que muito daquela história ainda não tinha sido contada.”

Acampamentos foram montados na beira do rio para abrigar jornalistas, doutores e autoridades da medicina. A cada dia um novo boletim era divulgado, mais vítimas apareciam e mais possibilidades e nomes estranhos tomavam conta do imaginário popular. Uns diziam que era um caramujo, outros que era uma alga, havia aqueles que afirmavam serem os produtos químicos jogados na água os causadores do mal. Mas de verdade até hoje não há explicação para a cegueira em Araguatins. Amostras da água do rio foram levadas para São Paulo e para o exterior. E nada de respostas.

*O mistério do globo ocular* não traz a solução; nem aponta suas causas, mas mostra a história pela ótica – sem trocadilho – de várias pessoas: quem viveu o problema, os médicos, as autoridades e o povo. A narrativa foi inspirada no filme *Elefante* (Gus Van Sant, 2003), cuja perspectiva é mostrada a partir de vários pontos de vista. E também em filmes da década de

1980, como *A coisa* (Larry Cohen, 1985). “É como se algo estranho viesse e invadissem uma cidade pacata. Os filmes que falavam dessas questões, tudo isso me inspirou”, conta o diretor.

#### Dos planos

“Ainda quero transformar *O mistério...* em uma ficção, ou refilmar sob a ótica de quem não ficou cego. Assim como no *Ensaio sobre a cegueira*, em que um personagem permanece enxergando. Lá também, uma irmã de umas vítimas que também se banhou no rio não ficou cega”, diz Araújo.

Por enquanto, ele trabalha em outra obra, parte real, parte ficcional: *A hora mágica* retratará momentos lúdicos de sua infância em Pedro Afonso, interior do Tocantins. “É um filme autobiográfico e muito mais doloroso de fazer”, revelou Wherbert Araújo. Vamos esperar para ver...



divulgação







Lenda urbana repercutida em várias cidades Brasil afora, a mulher da capa preta tem homenagem e séquitos de curiosos em túmulo do Cemitério da Piedade, em Maceió

—  
Marcelo Cabral

# A Mulher da Capa Preta

fotos: Marcelo Cabral

Antes de qualquer coisa: esta é uma história de fantasma. Portanto, quem tem um coração com tendência a fraquejar, ou é desprovido do sangue frio necessário para seguir adiante, pare a leitura agora, e procure outro assunto pra entreter o juízo, deixando de lado essas coisas do além. Já para quem aprecia uma bela história de amor, um romance juvenil, este causo maceioense pode ser um prato cheio.

Conheça o pouco que todos em Maceió conhecem sobre a jovem e bela Carolina Sampaio, ou Carol, cuja história foi contada em trova e verso por toda a cidade, e já virou até bloco de carnaval. De boca em boca, inúmeras versões de sua suposta história foram repassadas entre os maceioenses por, pelo menos, três gerações.

## Uma noite romântica

Na Maceió de outros tempos, menor e mais ingênua, a cidade vivia noites de festa e alegria, nos grandes bailes que lotavam clubes que não existem mais. Talvez apenas na memória dos mais velhos. Certa noite, nesta Maceió romântica, Carolina estava apreciando o grande baile, com banda de fora e tudo, quando percebeu os olhares interessados de um simpático rapaz, bem vestido, que segurava no braço uma capa de chuva preta.

O desconhecido tomou coragem e foi falar com ela.

- Olá, moça bonita. Qual o seu nome?
- Carolina — disse ela risonha.
- Bela noite, não?

E os dois engataram na conversa e na dança, noite adentro. Sorriam e cantavam, como em um filme de época. Tudo era perfeito. O olhar do rapaz dizia que ele poderia muito bem se interessar por aquela pequena. Finalmente, quem sabe, ele namorava alguém firme e largava aquela boemia... Talvez até casasse?! Controlou a empolgação. Mas estava decidido a rever a garota no dia seguinte. Daria um jeito.

Ao final do baile, com os corpos moles de tanto dançar, o rapaz fica surpreso quando ela aceita o convite de uma carona para casa. Perfeito de novo. Ele mal acredita.

Chove muito e ele oferece sua capa para Carolina, que se protege enquanto correm para o carro do rapaz. Quando chegaram ao bairro do Prado, entre a Praça da Faculdade e o Cemitério da Piedade, a garota pede que ele a deixe ali, na esquina de sua rua. Ele insiste para ir até a porta da casa, que ficava bem próxima. Ela responde que prefere assim, e falou firme. Ele aceita. Não queria contrariar a moça no fim de uma noite perfeita.

— Deixo minha capa contigo.  
Amanhã venho buscar, certo?

Ela concorda com um sorriso, desce do carro e segue pela rua escura, não sem antes deixar seu endereço e roubar um beijo do rapaz. Ele espera um pouco, e quando acha que ela estava na segurança de casa, segue seu próprio caminho através da garoa fina. Já ansioso pelo dia seguinte.

## Sob a luz de um novo dia

Na manhã seguinte, o rapaz acordou ainda sonhando com a moça do baile. Voltaria para buscar a capa, mera desculpa, queria era conquistar Carolina. Esperou a manhã passar, para não incomodar a garota e a família em seus afazeres. Por volta das 2h da tarde, ele foi, um tanto nervoso, até o endereço indicado no papel, na rua em que deixara a jovem na noite anterior.

— Boa tarde — disse uma senhora simpática que o rapaz identificou como mãe de Carolina. Ele apresentou-se, muito educado, e falou sobre a noite anterior, quando conheceu sua filha, e explicou que estava ali para buscar a capa e conversar com a moça, se lhe fosse permitido.

A mãe de Carolina Sampaio não conteve as lágrimas e reagiu com agressividade.

— Minha filha Carolina morreu, anos atrás.

O rapaz ficou branco e sentiu como se perdesse o chão sob seus pés. Pensou por um segundo, e não acreditou. Imaginou que a mãe não queria a filha, tão viçosa e sabida, de conversa com homem estranho. Mas a mãe mostrou a foto de Carolina pendurada na parede, e ele a reconheceu. Era uma foto de defunto. Morta, e maquiada como nunca em vida. Com data de chegada e saída deste mundo impressa na moldura.

O rapaz cambaleou. Primeiro se sentiu mal, o estômago revirou. Depois, insistiu e teimou. Não podia ser. A mãe, abismada com aquilo, o convidou ao Cemitério da Piedade, que ficava a poucos metros daquela mesma rua, para ver o túmulo de sua filha.

Eles caminharam até a sepultura. Lá estava escrito: “Carolina Sampaio”, com a foto da moça do baile. E sobre a lápide, o rapaz encontrou sua capa de chuva preta.

## Cemitério da Piedade

Muitas versões desta história são contadas na capital alagoana. Há versões em que o rapaz é um caminhoneiro, outras, um taxista. Versões de uma Carolina do século XIX. Outras dos anos 1980. E talvez seja esta





universalidade atemporal que torne uma lenda urbana como esta tão duradoura na história de uma cidade como Maceió. Vamos lá... é uma história de fantasma bem clichê. Daí o sucesso. A ponto de construírem um monumento com a forma de uma capa preta em sua sepultura.

Estive lá no último dia 2 de novembro, dia de finados, para conversar com as pessoas sobre a personagem e tentar descobrir mais sobre Carolina, ou do seu efeito no imaginário fantástico alagoano. O que esta fantasminha baladeira fez para merecer uma noitada com o belo rapaz? Será que é uma compensação pela morte prematura? Um conto sobre a perda da juventude?

Várias questões como estas passavam pela minha cabeça naquela manhã ensolarada no Cemitério da Piedade, bairro do Prado, em uma parte bem antiga da cidade. Muito movimento de floristas e vendedores de velas de todos os calibres, além de outros jornalistas, como eu, procurando histórias de morte e saudade. Enquanto isso, as famílias visitavam o repouso final de seus entes queridos.

Quando cheguei à sepultura de Carolina, a Mulher da Capa Preta, encontrei um arranjo de flores apenas

sobre seu túmulo, a aquela capa preta construída em sua lápide. Tomei um susto com a presença silenciosa, encostada em outro túmulo próximo, de Sônia Maria, 41 anos, empregada doméstica, que observava compenetrada o túmulo de Carolina Sampaio. “Olá”, puxei conversa. Figura engraçada, Sônia me contou que vai lá visitar a Mulher da Capa Preta sempre, seja dia de finados ou não. “Estando viva, eu venho. Acho muito bonita a história.” Dito isto, começou a contar a sua versão, uma das tantas que ainda iria escutar naquele mesmo dia.

Sônia acredita no caso, e afirma que, ainda hoje, quando algum solitário a chama, Carolina vai ao baile com ele. Ela diz que, se não for real também, tudo bem: “Alguém pode fantasiar em sair na noite, misteriosa, e fingir ser ela, aproveitar uma noite apenas, e desaparecer. Eu, por exemplo, acho lindas aquelas moças de capa nos filmes de Nova Iorque”.

#### Arquitetura da morte

Uma jovem apareceu por lá também, e percebi que respondia questões e curiosidades dos visitantes. Falei com ela. Regina Barbosa, 24 anos, é arquiteta e está



fazendo mestrado. Seu tema é a arquitetura funerária, onde estuda a importância do Cemitério da Piedade como patrimônio histórico e cultural da cidade de Maceió. Segundo ela, este foi o primeiro cemitério oficial da cidade, e data de 1850, solicitado via carta régia. Houve um estudo na época para a escolha do local. Hoje ambientalistas contestam a escolha, por conta dos gases liberados pelos mortos.

Regina também informou sobre um livro de 1972, que, segundo ela, não se encontra mais à venda, uma espécie de raridade, e que traz muitas informações sobre o local. Ela me contou algumas curiosidades sobre alguns mausoléus pomposos – como um de 1902 – e que ficam à vista de quem passa fora dos portões do cemitério, para demonstrar o poder da família perante a sociedade. Ou ainda, a divisão, não comprovada, entre áreas separadas para católicos, protestantes, e ateus, estes últimos, na verdade, proscritos da sociedade daquela época, como prostitutas e indigentes. Mas, segundo ela, não é possível constatar estas divisões. “O Cemitério da Piedade sempre foi conhecido como dos ricos, enquanto que o Cemitério São José, construído depois, é o cemitério dos pobres.”

Sua monografia de conclusão de curso também foi sobre cemitérios de Maceió, e consta como documento de referência na Secretaria de Controle e Convívio Urbano da capital, SMCCU. Regina já planeja um doutorado, onde vai pesquisar sobre como o traçado das cidades é influenciado pelos cortejos fúnebres. Em nada Regina parece alguém de gostos mórbidos, ou integrante de algum grupo gótico, ou qualquer coisa do tipo. Muito pelo contrário, jovem, loira, bonita e simpática, a pesquisadora parece uma moça comum, a não ser por um detalhe. “Sempre gostei de cemitérios, e durante o curso, resolvi estudar o tema”, revela.

#### Visitação intensa

À medida que o tempo passava mais e mais pessoas apareciam para visitar aquele túmulo, cada qual com uma teoria e uma nova versão do fato. Alguns até inventam, como a estudante de psicologia Maryana Santos, de 23 anos, com sua versão Cinderela. “Fosse eu a personagem, deixaria um sapato, em vez da capa.” Muitos – a maioria – especulam. Outros afirmavam que o túmulo ao lado era com certeza do pai de Carolina. Vi uma garotinha, de uns 8 anos, perguntando ao avô enquanto caminhavam lá fora, na calçada: “É o pai da Capa Preta do lado dela?”. Ele acenou com a cabeça, confirmando.

Consegui desvendar alguns desses mistérios, com a ajuda de outros maceioenses como o analista de sistemas Marcio Martins, e sua esposa, Irna, que decifraram a data de nascimento e morte, gravada em algarismos romanos da seguinte forma:

Y XXI – III – MDCCCLXIX  
U XXII – XI – MCMXXIV

Ou seja, Carolina (1869-1924) não morreu tão jovem. Aos 55 anos, não era a garota na flor da idade da história. Com este mistério resolvido, vamos ao túmulo vizinho, do suposto pai de Carolina, dentro da mesma área de jazigo da família.

Fui dar uma volta e fazer umas fotos. Quando voltei, encontrei um grupo de jovens conversando com as pessoas próximas ao túmulo. Eram três estudantes da Universidade Federal de Alagoas. Rafaela Albuquerque e Ludmila Monteiro estudam Jornalismo, e Victor Mata é do curso de Letras. Ele sugeriu a pauta de lendas urbanas para a publicação *Mar Sem Ó*, produzida pelos alunos de Comunicação.



“Nós conversávamos sobre como Maceió, tão diurna e tropical, tem, na verdade, um lado noturno e macabro, principalmente neste bairro e na região do Centro. Temos o Edifício Brêda (um dos prédios mais altos do centro da cidade, e notório local de suicídios), o IML, os Cemitérios, da Piedade, com a Mulher da Capa Preta, e o São José, com o Menino Petrócio, a quem se atribuem milagres. Então resolvemos pesquisar o assunto”, conta. Enquanto conversava com Victor, foi Ludmila que percebeu a data de morte e nascimento do túmulo vizinho. O morto tinha poucos anos de diferença de idade em relação à Carolina. Não era seu pai, e todos os investigadores presentes concordaram: o túmulo vizinho seria, muito provavelmente, do irmão de Carolina...

### A questão do respeito aos mortos

Chega de solucionar mistérios. Afinal, grande parte da graça, do interesse das pessoas, da magia e longevidade de uma história como esta reside justamente em estar encoberta de mistérios. E não tenho a intenção de desmitificar ou desmentir caso tão popular da minha querida Maceió. Afinal, trata-se de um verdadeiro patrimônio cultural.

Durante toda a minha visita, conversando com os visitantes que passavam pelo túmulo da Mulher da Capa Preta, percebi que o assunto do bloco de carnaval, que sai da porta do cemitério à meia-noite, era tabu. Escutei muitas vezes que se tratava de “coisa de mau gosto”, ou que “não é certo brincar com os mortos”.

“Coincidência ou não. Sempre tem acidente, briga e morte quando sai esse bloco. Coincidência, ou não!”, reforçou Vanancir da Costa, de 32 anos, referindo-se ao atentado do ano passado, quando um sujeito saiu dirigindo seu automóvel por cima dos foliões do bloco Mulher da Capa Preta, deixando dezenas de feridos.



Vanancir visitava o cemitério com sua mãe, Vanuzia da Costa, 70 anos, que também deu sua opinião: “Eu mesma que não tinha coragem de brincar com quem está morto. Esta história da Capa Preta, meu filho, é real. Real mesmo. Aconteceu.”

Mas ninguém leva a história tão a sério como Milton da Silva, 40 anos, estudante de química na Ufal e professor em escolas particulares de Maceió. Milton chegou ao túmulo e abriu a portinhola da pequena cerca em volta das sepulturas de Carolina e seu provável irmão. Começou a limpar tudo e acender velas para a Mulher da Capa Preta. “Você é parente dela?”, perguntei. “Não”, ele respondeu.

Milton é espírita e acredita que Carolina é um espírito de luz. “Nenhum espírito aparece para alguém como ela fez por nada. Acredito muito nela, e sempre estou aqui cuidando e acendo velas para iluminar seus caminhos.” Quase um devoto, Milton condena com ar de revolta a questão do Bloco Carnavalesco Mulher da Capa Preta: “Um desrespeito. Um absurdo. Para mim aquilo é uma vergonha”.

Uma pergunta me veio à mente. “Já que a história é verdadeira, o que aconteceu com o rapaz apaixonado do baile?” Milton respondeu coberto de certeza: “O rapaz morreu louco”.

Desejei-lhe melhor sorte, me despedi dele, de Carolina e do Cemitério da Piedade.

### Bloco Polêmico

Passado o Dia de Finados, fui conversar com Marcos Catende, criador do Bloco Carnavalesco Mulher da Capa, e proprietário de uma churrascaria, onde aproveitei para comer uma carne de sol no intervalo do almoço, enquanto conversávamos. Marcos confirmou que muitas pessoas são contra o bloco, que completa 12 anos de existência no carnaval do ano que vem. “Recebo muitos



telefonemas anônimos me esculhambando por causa disso, e até ameaças, por mexer com os mortos.” Sobre o acidente do ano passado, ele dá sua versão. “A mulher do sujeito foi para o bloco pular o carnaval, disse a ele que saía todos os anos e não seria este ano que deixaria de ir. Enciumado, o sujeito ficou esperando em uma esquina, e saiu atropelando todo mundo”, conta.

Catende se defende e explica que o bloco não passa de uma brincadeira com uma personagem do bairro. Ele conta como tudo começou. “Eu fui dono de um bar aqui perto. Um dia estava com os caras em uma farra e eles me contaram a história. Resolvi montar o bloco. Os colegas ficaram com medo e desistiram. Já eu passei dez dias no Cemitério da Piedade e arredores, pesquisando o assunto, e desde o ano 2000 o bloco sai todos os anos, a partir da meia noite.”

Além deste bloco, Marcos, que é natural de Pernambuco, fundou outro, no município de Catende (PE), o Bloco Mulher da Sombrinha, história parecida do cemitério de lá, sobre bela mulher que seduz homens na noite, e após o romance, o sujeito acorda sobre sua sepultura. Além disso, sua churrascaria fica em frente ao Cemitério São José. “Eu não sei o que é isso. Certa vez fui a um centro espírita e lá me disseram que eu não deveria ir aos cemitérios. Disseram que, quando eu vou, sai um bloco de mortos atrás de mim.”

Ele ainda me contou alguns casos da Capa Preta, como o taxista que pegou um passageiro nas imediações do cemitério rumo ao bairro da Pajuçara, “alvorçado, branco e suando, que jurava ter visto a Mulher da Capa Preta”. Ele mesmo diz ter visto a assombração em um bar, certa vez. Os foliões do bloco também juram, de pés juntos, terem encontrado uma mulher muito pálida, vestida de negro e com a pele gelada, curtindo o bloco de carnaval, no meio da multidão.





### A mulher árvore

O ciúme e a ira muitas vezes tornam o ser humano incontrolável, capaz de realizar os maiores atos impensáveis de uma relação inconstante e fria. Não ocorreu diferente, há alguns anos na Rua Travessa Estrada de Ferro, onde uma mulher loira prestes a dar a luz, que depois de ter discutido com o marido foi brutalmente assassinada. Muitos do bairro falam que ela foi morta a facada, e outros relatam que foi a tiro. Mais o impressionante do fato foi que logo após a sua morte (no mesmo local) nasceu uma árvore, que com o tempo adquiriu o formato de uma mulher, com tanta semelhança que podemos observar os traços das pernas, seios, barriga, braços e quadris, além da sombra e dos seus frutos ela ainda serve de referência para os moradores da localidade.

Os moradores do bairro relatam que ela é mal assombrada, e tinham medo de passar na rua a noite, porque ela balançava e jogava areia, e outros acendiam velas e faziam trabalhos religiosos no local. Por temor, tentaram cortar a árvore, mas foram impedidos pelo Baixinho (Sr. Luiz Carlos - falecido) morador vizinho da árvore, que não permitiu que isso acontecesse, por achar que ela renderia uma história. Seu sonho era escrever uma carta para um programa de TV (Gugu ou Faustão), não sendo realizado, pois faleceu em um trágico acidente na Rodovia Presidente Dutra.

Nova Iguaçu, 2 de Setembro de 2008

**Trecho de redação escrita pela estudante  
do Pro Jovem Luana Mendes**

# As raízes de uma gravidez

— O curioso caso da árvore grávida de Rodilândia, em Nova Iguaçu, no Estado do Rio, que virou curta-metragem e foi parar até na tevê —

*Renata Melo*



fotos: Renata Melo



Madrugada em Rodilândia, pequeno bairro de Nova Iguaçu, no estado do Rio de Janeiro. Estamos na Travessa Estrada de Ferro. Seria só mais uma rua como as outras, não fosse a existência de um elemento estranho: uma árvore com formas de uma mulher, ou melhor, com as formas de uma mulher grávida. Em noite de apagão, só as velas ao redor dela iluminam o lugar. Passos apressados, olhares apreensivos, respirações ofegantes. Quem jogou areia? De onde vem o barulho de criança chorando? É só o vento ou a árvore está se mexendo? Uma voz ao relento avisa que é melhor ser rápido, antes que a mulher vestida de noiva possa alcançar.

“Eu não tenho medo, mas que parece com uma mulher, parece, né?”, brinca dona Maria de Lourdes Mendes, de 63 anos e, há mais de 20, moradora da região. Será mesmo assombrada a mangueira com ares de gestante que habita Rodilândia? As formas da planta intrigam até os mais céticos. O tronco arredondado, os galhos como dois braços abertos, até as “costas” lembram as de uma mulher.

Reza a lenda que uma moça grávida foi assassinada no local onde nasceu a árvore. Ela, a árvore, teria essas curiosas formas porque guardaria a alma da mulher morta, vítima dos ciúmes do marido. Para muitos, a árvore é motivo de medo. Mas não para os meninos de pés descalços que, sob a sombra da assustadora mangueira, se divertem ao lembrar das travessuras realizadas: “No dia do apagão, a gente botou um monte de velas na árvore e uma garrafa de vinho do lado. Quando alguém passava, a gente jogava de cima da árvore uma boneca vestida de noiva [risos]”, conta Jailson Rodrigues, de 14 anos. “O Gabriel chorou e o pastor mandou a gente ir para igreja”, interrompe Erick Maciel, de 13 anos. O vinho era *ki-suco*; e a areia, peripécia de Ricardo, amigo de Jailson.

Com uma sacola de pão nas mãos e expressão triunfante, Felipe Costa, de 13 anos, se aproxima e esclarece o mistério. “Essa árvore é mais velha do que eu”, diz indiferente. E explica a origem do mito: “Falaram que uma mulher grávida morreu aqui e logo nasceu uma árvore nesse formato.” Quem “falaram” não se sabe. Como toda lenda, esta também surgiu espontaneamente, fruto da necessidade das pessoas de explicar alguns fenômenos e, agora, pertence ao coletivo. Assim como Felipe, qualquer morador de Rodilândia é capaz de contar o tal “causo”.

A mangueira já se tornou ponto de referência, no repetido mantra “logo ali, perto da árvore grávida”. É a grande atração no bairro. Dona Manoela Luiza Passos da Silva, proprietária da casa em frente à árvore, conta



que vem gente de longe para tirar fotos e conferir se uma árvore realmente engravidou. Ela já vive no lugar há 24 anos e diz que, quando chegou, a lenda já existia. “De primeiro, todo mundo tinha medo. Ninguém passava por aqui de noite, não”, lembra. Acostumada com tanta badalação, a dona de casa não hesita em contar mais uma vez a história aos visitantes e curiosos: “Ah, minha filha, os antigos falaram que no lugar onde existe a árvore foi morta uma mulher...”

A menção aos “antigos” está sempre presente na fala dos moradores da rua. “Eu acredito, porque as pessoas mais velhas, meus vizinhos que já morreram, viram”,

afirma a nordestina Maria de Lourdes. A lendária mangueira já foi também um símbolo de fé. Houve quem rezasse para ela e quem fizesse “macumba”.

A população se divide entre o amor e o medo. “O fruto que ela dá é muito gostoso”, garante Manoela. Ela conta que já pensou em cortar a árvore para construir um muro, mas não teve coragem. “Essa árvore tem muita história”, suspira a moradora da casa em cujo terreno fica a árvore.

Jailson, apesar de ser um dos protagonistas das cenas de medo que envolve a árvore, reproduz com respeito e em tom de mistério: “Meu irmão disse que um dia estava passando por aqui, não estava ventando nem nada e a árvore começou a mexer sozinha, se tremendo toda”. Erick, também da turma que gosta de assustar as pessoas, diz desconfiado: “Eu passo aqui de noite numa boa... se não tiver falta de luz, claro”, afirma rindo.

Seu José Marques da Silva é vizinho da árvore. Aos 78 anos, caminha com dificuldade, encosta a bengala na parede, e, com olhar compenetrado em direção à mitológica mangueira, afirma: “Vi ali de madrugada um homem de chapéu todo de couro”. E aí de quem duvidar dele! “Eu já vi e não sou de andar com mentira.” Apesar dos quase 30 anos no Rio de Janeiro, o sotaque pernambucano permanece. Se tem medo? Franze logo as sobrancelhas e, com a voz gasta pelo tempo, resmunga: “Medo de quê? Medo de nada. Dizem que também aparece uma mulher por ali, mas eu só acredito naquilo que eu vejo”. Mas o homem, esse ele garantiu ter visto.

### A árvore como inspiração

A lenda da árvore grávida já inspirou a produção de dois vídeos. Um apresentado ao ar livre em Rodilândia, o outro, uma animação feita por alunos da Escola Livre de Cinema de Nova Iguaçu, exibido na TV, no programa *Fantástico*. Tudo começou em 2008, com uma redação escrita por Luana Mendes, que mora a poucos metros da famosa mangueira. Na época, com 22 anos e aluna do Pro Jovem, Luana participou do “Minha rua tem história”, um programa da Secretaria de Cultura de Nova Iguaçu que reuniu cerca de 3 mil jovens para contar histórias sobre seus bairros. Entre essas histórias, a de uma árvore grávida chamou atenção. Por sua redação, Luana ganhou 10 horas de internet em uma lan house próxima à sua casa e um mp4 player, mas o grande orgulho da jovem foi ver na tela a história que crescera ouvindo protagonizada pelos próprios personagens do bairro. A motivação para escrever sobre o tema veio de um desejo antigo do vizinho, marido de dona Manoela e dono do quintal que

abriga a árvore: “Já tentaram cortar a árvore, mas o Seu Baixinho nunca deixava. O sonho dele era ver a história no cinema e na televisão”, lembra Luana. Luiz Carlos, o Seu Baixinho, não sobreviveria para ver seu sonho realizado. Ele faleceu num trágico acidente na Rodovia Presidente Dutra, antes que a história virasse notícia.

Mas a lenda iria também para a televisão como sempre quis o Seu Baixinho. Para a matéria do *Fantástico*, foram três os temas sugeridos. A escolhida, é claro, foi a pauta sobre uma certa árvore que habita Rodilândia. “Escolhemos o tema da árvore grávida porque era o mais curioso. Como pode uma árvore engravidar?”, questiona Jonathan Lacerda de Jesus, um dos integrantes da equipe de reportagem mirim que produziu um curta-metragem sobre a história. O vídeo foi exibido no programa no dia 8 de outubro de 2009. Além de Jonathan, mais quatro alunos da Escola Livre de Cinema de Nova Iguaçu participaram da reportagem: Michele, Wagner e Roni, na época, todos com 10 anos de idade. Jonathan, os mais velho, com então 14 anos, contou que, chegando em Rodilândia, a turma ficava apreensiva diante de qualquer árvore. “Não fiquei com medo, até porque era de manhã”, desconversa o jovem cineasta. Sabiamente, do auge dos seus 16 anos, Jonathan garante que não é preciso se amedrontar, afinal “essa árvore já se tornou parte da cultura do bairro”.

Há seis anos ele lida com a sétima arte na Escola Livre de Cinema de Nova Iguaçu. O talentoso rapaz conta que, apesar de gostar de criar roteiros, seu forte mesmo é produzir, e confessa, envergonhado, que precisa se dedicar mais à leitura. “Faz parte de mim já. O cinema me encanta de um jeito que não dá para explicar”, diz o menino. “Eu pensava que filme era feito só nos outros países. Só que não! Descobri que se produzia também no Brasil, perto de onde eu morava. Então, eu achei o máximo estar aqui”, revela o rapaz, os olhos brilhando de encantamento.

O aqui ao qual ele se refere é especificamente Miguel Couto, um dos principais bairros de Nova Iguaçu. Lugar onde vive e onde funciona a Escola Livre de Cinema. Entre pastelarias e o comércio informal, em meio à característica poeira das ruas e à quase morta linha do trem, se faz cinema. Lá, se produz e se reproduzem histórias fantásticas e reais – fabulosas como a de uma árvore que é capaz de engravidar. Como a árvore, que quase foi cortada, a Escola também esteve ameaçada de fechar as portas no final do ano passado. Com novo fôlego e novos patrocinadores, agora está mais fértil do que nunca.



# 40 anos depois, A guerra dos mundos é recontada em livro

—  
Fruto do trabalho de pesquisadores da Universidade Federal do Maranhão, livro reconta “o dia em que os marcianos invadiram a terra”, no caso, a capital São Luís

—  
Zema Ribeiro

Não foram poucas as vezes em que adentrei o Bar do Léo e dei com sua presença, a elegância de um Vinícius de Moraes, o cachorro engarrafado amarrado na coleira, o abraço efusivo de Parafuso vinha cumprimentar-me, feliz senha. Às vezes dividia a mesa com ele; às vezes ocupava outra, onde ele cedo ou tarde parava, nas suas idas e vindas ao banheiro ou outra andança qualquer no recinto, onde ambos nos sentimos em casa. José de Ribamar Elvas Ribeiro ganhou o apelido Parafuso ainda no colégio: um dia o diretor passou pelo corredor, olhando para dentro da sala de aula e o viu sapateando sobre a mesa do professor. “Carrapeta era mais apropriado. Eu estava dançando. Parafuso, você bota ele ali, ele morre ali, enferrujado. Dizem que apelido só pega se você se zangar. Eu nunca me zanguei e esse pegou”, relembra.

Entre várias outras histórias que conta está a de *A guerra dos mundos*, transmitida pela Rádio Difusora, em outubro de 1971, prima menos conhecida da famosa transmissão da adaptação do livro de H. G. Wells por Orson Welles, cineasta que viria a se tornar mundialmente famoso com o clássico *Cidadão Kane*, tido por muitos como o melhor filme de todos os tempos. “É um filme paidégua”, define Parafuso, que também contará a história da *guerra dos mundos* em um livro de memórias, em fase de revisão. “A história já está contada, mas não posso deixá-la de fora”, diz.

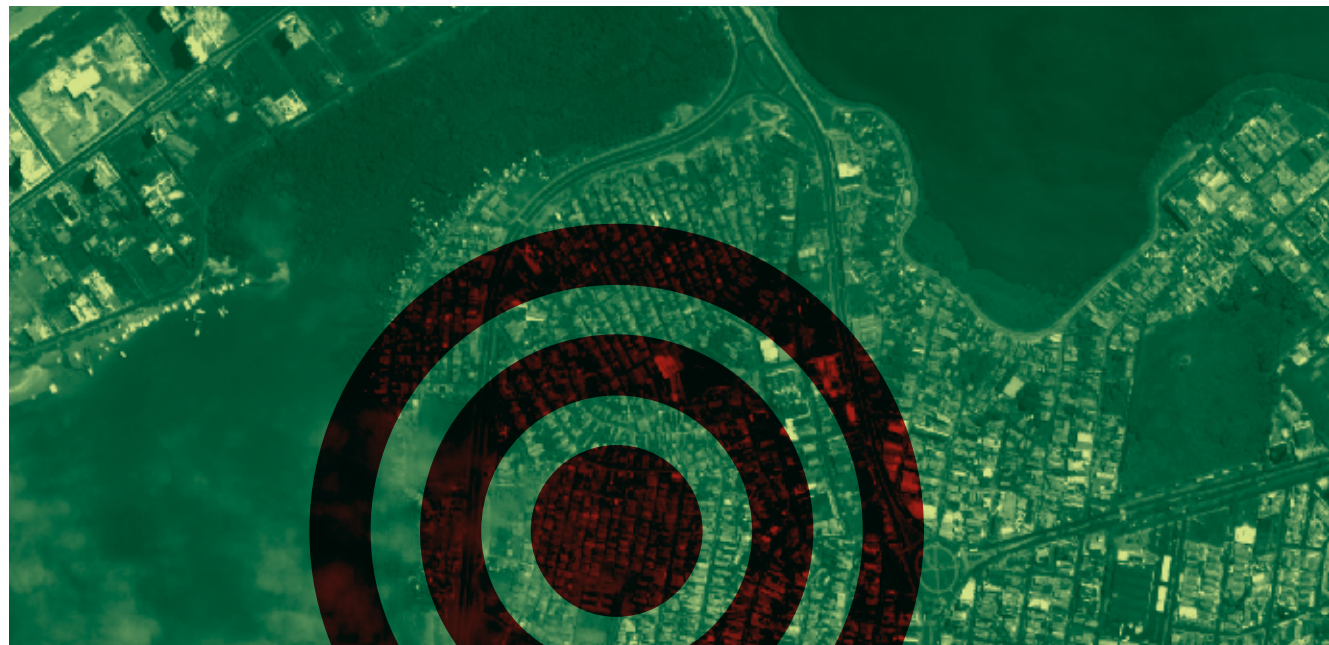
Em 1898, H. G. Wells publicou *A guerra dos mundos*, encerrando a trilogia iniciada com *A máquina do tempo* (1895) e *O homem invisível* (1895). Quarenta anos depois, em 30 de outubro de 1938, véspera do dia das bruxas americano, para comemorá-lo, Welles levou ao ar uma adaptação radiofônica da mesma história. Em 31 de outubro de 1971, um dia depois de a Rádio Difusora completar 16 anos, era a vez de a história ganhar uma versão maranhense. A diferença: a população dos Estados Unidos que chegou a ouvir o programa na CBS, à época, sabia tratar-se de uma obra de ficção, e “qualquer semelhança é mera coincidência”. No Maranhão, o programa se passou por ficção justamente para não ser censurado pela Polícia Federal, pois, se fosse anunciado como jornalístico, fatalmente seria retirado do ar.

“Difusora, ficção científica baseada em Orson Welles”, anuncia a vinheta, de vez em quando. O detalhe é que ela foi colocada depois, toque de gênio de Parafuso, espécie de Garrincha da sonoplastia, driblando a censura e a ditadura vigentes – a censura prévia havia liberado o programa, em um provável cochilo do funcionário da Polícia Federal.

O *Jornal Pequeno* de 31 de outubro de 1971 estampou na capa a manchete “O fim do mundo do Bacelar”, alusão ao, na época, proprietário da rádio que veiculou o tal “apocalipse”. O *Imparcial*, na mesma data, cravou em sua capa: “Ficção científica alarmou a







população”. O episódio ficou nas lembranças de quem o fez e ouviu, depois caindo no esquecimento.

Somente em 2004 o professor Ed Wilson Araújo jogou luz à questão: o artigo *O dia em que os marcianos invadiram São Luís*, publicado no quarto número do jornal da Rede Alfredo de Carvalho, redescobria o acontecimento. Foi por conta dele que o inglês John Gosling dedicou um capítulo à *Guerra* maranhense em *Waging the war of the worlds [Jefferson and London: Mc Farland & Company, 2009]*, algo como “Travando a guerra dos mundos”, em tradução livre. No entanto a versão maranhense da *guerra dos Mundos* foi ignorada em *Rádio e pânico: a guerra dos mundos 60 anos depois [Insular, 1998]*, organizado pelo pesquisador Eduardo Meditsch.

Mas a história fantástica só teria versão definitiva com o lançamento de *Outubro de 71: memórias fantásticas da guerra dos mundos [Edufma/Fapema, 2011]*, organizado pelo pesquisador Francisco Gonçalves da Conceição, jornalista, doutor em Comunicação e Cultura (UFRJ), professor do Departamento de Comunicação Social da UFMA. Eduardo Meditsch, autor do livro com o lapso citado, assina o prefácio.

Outubro de 2011, 40 anos depois do fato, Gonçalves e sua equipe de alunos-pesquisadores contariam a história daquela manhã de sábado: os ouvintes esperavam o tradicional *Difusora Hit Parade* – programa também conhecido como *São Luís Hit Parade* ou simplesmente *Paradão do Rayol*, em óbvia alusão ao nome do apresentador – que trazia as 24 músicas mais tocadas

da semana. A certa altura, o locutor começa a narrar uma suposta invasão alienígena à Terra, em particular à capital maranhense e seus arredores, o Campo de Perizes, única saída da ilha por via terrestre.

O fantástico ganhava tons reais, dada a credibilidade do rádio àquela altura – quando televisão era “coisa de poucos ricos” –, com flashes ao vivo, entrevistas com especialistas e a sonoplastia de Parafuso. Outros “envolvidos”: José de Jesus Brito, o Sérgio Brito (roteirista); Manoel José Pereira dos Santos, o Pereirinha (direção técnica); José Marinho Raiol Filho, o Rayol Filho (locução); e José Faustino dos Santos Alves, o Jota Alves (repórter) – este morria durante a transmissão, conforme previa o script do programa, escrito por Brito a partir de matéria que ele leu na *Ele & Ela* sobre o episódio americano. Detalhe: a mãe do repórter não havia sido avisada e podia estar ligada no programa de rádio mais ouvido da época enquanto cuidava dos afazeres domésticos. Todos estão vivíssimos e dão longas, detalhadas e engraçadas entrevistas ao projeto que virou livro, publicadas na íntegra, mantendo os coloquialismos e mesmo as contradições entre umas e outras lembranças.

Para Kamila de Mesquita Campos, uma das pesquisadoras envolvidas na feitura do livro, estas entrevistas, realizadas entre 2005 e 2006, foram o momento mais marcante do processo: “Os relatos deles nos proporcionaram uma viagem não só aos bastidores do programa, mas ao rádio na década de 70 e à sociedade maranhense da época como um todo”, relembra. Ela, como os outros pesquisadores, nunca tinha ouvido falar

na *Guerra dos mundos* até receber de Francisco Gonçalves a sugestão de pesquisar o tema, formando um grupo, orientado por ele, com Aline Cristina Ribeiro Alves, Andréia de Lima Silva, Elen Barbosa Mateus, Karla Maria Silva de Miranda, Mariela Costa Carvalho, Rômulo Fernando Lemos Gomes e Sarita Bastos Costa. À época, estudantes, hoje todos formados em Jornalismo ou Relações Públicas.

As entrevistas nos levam a descobrir que a ideia era festejar o aniversário da Difusora, ganhar audiência e demonstrar o poder do rádio. Lida a sinopse da adaptação radiofônica americana, Brito acresceu detalhes maranhenses à trama, apresentando sua versão da história. O poeta e compositor Joãozinho Ribeiro, nascido no abril anterior à fundação da Difusora, recorda aquela manhã: “As imagens que residem na minha memória são de uma manhã de sábado, mamãe ocupada com os afazeres domésticos e o nosso rádio ligado, numa cômoda feita de caixote de madeira, transmitindo o programa que era o mais ouvido em toda ilha. Lembro-me do desespero que tomou conta dela e do rapaz ouvinte/curioso que naquela manhã não saiu de casa e ficou com o ouvido coladinho nas notícias, tentando traduzir para ela, a todo momento, o que estava acontecendo. Ele (eu) também envolvido pelo clima de pânico e certo de que o final dos tempos estava chegando e que iríamos todos, literalmente, ser reduzidos a pó. Muito choro e desespero e até a possibilidade de nos atirmos do alto do mirante da Travessa da Lapa, lá do bairro do Desterro. Lembro do noticiário da morte de Jota Alves,

nas proximidades do aeroporto do Tirirical ou dos Campos de Perizes, não sei precisar agora. Da minha irmã Graça, a princípio gozando da gente, para depois associar-se ao clima de terror generalizado na família, mas lembro de alguma coisa que não casava com a minha curiosidade de menino inventor, que no momento também não sei precisar. Acho que foi a sintonia com alguma outra emissora, cuja programação não batia”.

Parafuso lembra um pito que levou: “Eu fui esculhambado por um pastor protestante que fazia um programa na rádio. Ele chegou lá e disse: Seu Elvas, Seu Parafuso, não se faz uma coisa dessas!”. A pesquisadora Karla Miranda lembra o depoimento de uma tia, ao saber de seu envolvimento no projeto: “Ela lembrou que minha avó ficou preocupada e pensou com quem e onde iria morrer. Minha avó queria reunir toda a família e, por isso, pensou se iam morrer no São Francisco ou no Monte Castelo [bairros ludovicenses, próximos ao Centro]”.

Para quem não lembra ou, como eu, nem existia em 1971, o livro traz encartado um CD com o áudio do programa. Está quase tudo lá: Parafuso chegou atrasado à rádio e o único gravador da emissora, usado para registrar tudo o que ia ao ar, por conta da censura em voga, ficava trancado na sala do sonoplasta. Das músicas do *hit parade* são tocados apenas os trechos iniciais, por conta da duração do programa – a coisa toda demorou cerca de três horas, entre o início do susto e o exército invadir a sede da Rádio e TV Difusora, não permitindo que a programação fosse ao ar aquele dia.







Ilustrações de Henrique Alvim Corrêa para a edição belga de "A Guerra dos Mundos", publicada em 1906.



### Narrativa de um acontecimento fabuloso

O professor Francisco Gonçalves da Conceição tinha 11 anos quando ouviu sua mãe conversando com uma vizinha sobre uma invasão alienígena à terra. O evento havia sido transmitido pelo rádio, a Rádio Difusora, que à época havia completado 16 anos e era líder de audiência no Maranhão. O menino Chico teve, ali, uma das chaves para entender *A guerra dos mundos*, transmissão radiofônica de “ficção baseada em Orson Welles” – antes de se tornar o cineasta de *Cidadão Kane* ele havia adaptado para o rádio o livro homônimo de H. G. Wells, em 1938 – cujo roteiro foi escrito por Sérgio Brito.

Gonçalves organizou o livro *Outubro de 71: memórias fantásticas da guerra dos mundos*, em que reconta minuciosamente – mantendo inclusive as contradições entre entrevistados – o episódio: ao contrário do americano, no Maranhão só depois se soube que se tratava de ficção científica. Sobre o assunto, ele conversou conosco.

### Como surgiu a ideia de resgatar a história da transmissão radiofônica da guerra dos mundos pela Difusora?

Francisco Gonçalves da Conceição – A ideia surgiu da constatação de que existia uma lacuna nos estudos sobre o rádio, o jornalismo e *A guerra dos mundos*. De modo geral, a bibliografia que tratava da adaptação do livro de H. G. Wells para o rádio não incluía o programa da Difusora, que, no dia 30 de outubro de 1971, assustou a população e parou a cidade. Esse, como outros programas, faz parte dos efeitos provocados pela histórica versão da CBS, de 1938, produzida por Orson Welles. No entanto, a versão da Difusora, em termos locais, teve efeitos semelhantes à versão americana. Isto aconteceu, sobretudo, por conta do modo como o programa foi inserido na programação, a participação de cronistas, locutores e jornalistas conhecidos do público, a tradução da história para o universo simbólico do estado, a trilha sonora e os efeitos de som. O estudo desse episódio acrescenta, assim, novos elementos ao conhecimento do rádio e do jornalismo.

### Até que ponto confundiam-se os dois Franciscos Gonçalves? Um, o professor-pesquisador, outro a criança que ou ouviu a transmissão no rádio ou histórias dos mais velhos?

Eu diria que os dois se reencontraram na reconstituição das narrativas sobre esse episódio. Uma das chaves de interpretação do programa me foi dado pela minha mãe, em 1971, quando a escutei conversando com uma vizinha sobre a invasão marciana, a serpente encantada e

a volta de Dom Sebastião [*lendas maranhenses que preveem o desaparecimento da capital São Luís*]. Ao longo da pesquisa e da produção do livro, ouvimos outras histórias sobre esse momento. Por isso mesmo, a nossa ideia era organizar um livro que interessasse e fosse lido tanto por pesquisadores, estudantes, profissionais de comunicação como também pelos ouvintes da época. Não tínhamos a pretensão de escrever uma história oficial da *Guerra dos mundos*, mas em apresentar as várias narrativas dos produtores e interpretes sobre aquele acontecimento. A nossa narrativa, embora tenha o objetivo de contextualizar os dados apresentados no livro, é outra narrativa de um acontecimento fabuloso que tornou os produtores e ouvintes cúmplices de uma história, que faz parte do imaginário da cidade de São Luís. Pelos comentários que temos ouvido, a publicação do livro fez com que muita gente voltasse à sua infância, ao lembrar o dia em que os marcianos teriam chegado à São Luís.

### Há algum outro episódio pouco estudado das comunicações no Maranhão que tu tenhas vontade de preencher a lacuna?

A pesquisa sobre esse episódio me chamou a atenção para os processos de ficcionalização da notícia. Diferente do programa produzido por Orson Welles, em que participaram apenas atores e foi veiculado em um horário destinado ao radioteatro, o programa da Difusora foi apresentado nos horários reservados ao entretenimento e à informação, contou com a participação de cronistas, locutores e jornalistas consagrados pelo público e utilizou as marcas noticiosas da emissora, como a vinheta de notícias

extraordinárias. Do grupo, apenas um era ator profissional, Reynaldo Faray. Como a ficção não trata necessariamente do futuro, mas do presente, esse episódio aponta para uma das questões centrais em nossa época – as relações entre o jornalismo e a ficção. A investigação desse tema pode nos ajudar a compreender, por exemplo, algumas das características do jornalismo político praticado em nosso estado, profundamente marcado pelo fabuloso e pelas fabulações que povoam o mundo da política.

### Quais as maiores dificuldades enfrentadas na pesquisa?

O acesso a fontes. Infelizmente, durante o processo de pesquisa não conseguimos localizar Fernando Melo, Fernando Costa e os comandantes militares. Somente depois do livro finalizado, conseguimos entrevistar Fernando Melo. Do mesmo modo, não conseguimos localizar uma edição da revista *Ele&Ela*, citada por Sérgio Brito, que publicou uma sinopse do programa de Orson Welles. A nossa expectativa é que a gente localize essas pessoas e encontre essa revista e faça uma segunda edição do livro.

### Qual a maior alegria e/ou emoção vivida durante o processo de pesquisa?

A nossa maior alegria foi quando José de Ribamar Elvas Ribeiro, o Parafuso, nos passou a gravação do programa e ouvimos pela primeira vez o famoso *A guerra dos mundos*, produzido e interpretado por Sérgio Brito, Parafuso, Pereirinha, J. Alves, Rayol Filho, Fernando Melo, Fernando Costa e outros profissionais de rádio. Até aquele momento, poucas pessoas tinham tido a oportunidade de ouvi-lo.



# Reza brava

A coluna “Vitrina do Diabo” do jornal curitibano Diário da Tarde mostra como a imprensa execrava e, ao mesmo tempo, se encantava com a magia.

Tiago Rubini



O jornal *Diário da Tarde* começou a circular em Curitiba a partir de 1899. No seu primeiro ano, saiu uma de várias notas a respeito de uma imigrante escocesa radicada na cidade chamada Anna Formiga. O título e o subtítulo, respectivamente, foram *Feiticeira – Artes de Satanaz*, e no corpo do texto consta o endereço residencial desta mulher que dizia “ter relações com Satanaz, cuja vontade domina”, segundo o periódico. Poucos têm notícia da velhice e do desenrolar da vida de Anna Formiga, e infelizmente entre estes não estão os pesquisadores que resgataram a memória da mulher até agora. Em compensação, buscando rapidamente o seu nome na rede, chegamos à lenda urbana da bruxa com quadril avantajado, devoradora de doces e assassina de crianças – a fugitiva que veio esconder, numa vida pacata em Curitiba, uma história supostamente cheia de magia negra, sacrifícios e voos a vassoura.

Ela morava na Rua Dr. Pedroza, que hoje se chama Benjamin Lins. Com o passar do século XX, a região progrediu economicamente e hoje a conhecemos pelo nome de Batel, um dos bairros mais ricos da cidade. Sobrevivia principalmente de consultas mágicas, que eram pagas pela vizinhança com dinheiro, comida e

favores. Foi infame – e não por coincidência, o começo do século XX foi difícil para os curandeiros, cartomantes e benzedeiros da capital paranaense. No centro e adjacências diversos escritórios de advocacia e consultórios médicos começaram a aparecer, principalmente depois da fundação da Universidade Federal do Paraná em 1912, e a população foi deixando de confiar nas práticas que não tinham o selo de aprovação científica e o respaldo da imprensa.

Não só a maioria dos consultórios esotéricos foi desaparecendo do centro de Curitiba, como também a boemia e as casas de madeira. A exemplo do que estava acontecendo no Rio de Janeiro, a prefeitura botou abaixo construções não-rentáveis, abrindo alas para os bondes e os negócios. A cidade se urbanizava aos poucos, apesar de ainda contar com bairros praticamente rurais, cuja economia estava conectada à erva-mate e à extração de madeira. Além da prefeitura, a polícia, os médicos e outros profissionais se engajavam no estabelecimento de um estilo de vida específico na cidade. Enquanto isso, benzedeiros e curandeiros foram perdendo espaço e virando notícia na seção “Vitrina do Diabo” no *Diário da Tarde*.

## O ESTRANGULAMENTO DE MEDUSA

# O assassino aparece em Curitiba!

SENSACIONAL PHENOMENO ESPIRITA — NOVOS E CURIOSOS DETALHES SOBRE O BARBARO CRIME

A opinião publica continua vivamente impressionada com o barbaro crime de Entre Rios.

Não é demais, entretanto, reconstituir-o. A menor Medusa Francescki, de 14 annos, fôra, como de costume, às 13 horas, no dia 14 de Maio, levar á sua irmã Aurora, professora da Escola de Faxinalzinho, kilometro meio mais distante da sua residência, a merenda de todos os dias. Na volta, passou pela casa de Julieta Hilgenberg, a quem foi offerecer uma garrafa de leite. Em retribuição essa senhora deu-lhe duas aboboras. A seguir, Mesusa foi á casa de certo moleiro, entregou-lhe um chapéu que o seu pae, sr. Francescki, havia concertado, e, em pagamento, recebeu uma quarta de farinha.

Às 14 horas dirigiu-se á casa, de regresso, com a farinha e as aboboras. Até á noite não ideançou seu destino.

Na manhã seguinte, seu cadáver foi encontrado, dentro de uma matia, em decubito dorsal, por um preto residente na vizinhança. Medusa estava estrangulada e apresentava três perfurações do himen e vestígios de violência em outro orgão. Os



A MENOR MEDUSA

proceder as diligencias in-loco, seguindo a mesma orientação do delegado Arcoverde. Para Porto União, seguiu um investigador que procederá á averiguação referentes á situação de Frederico Costa.

### A SITUAÇÃO DE FREDERICO

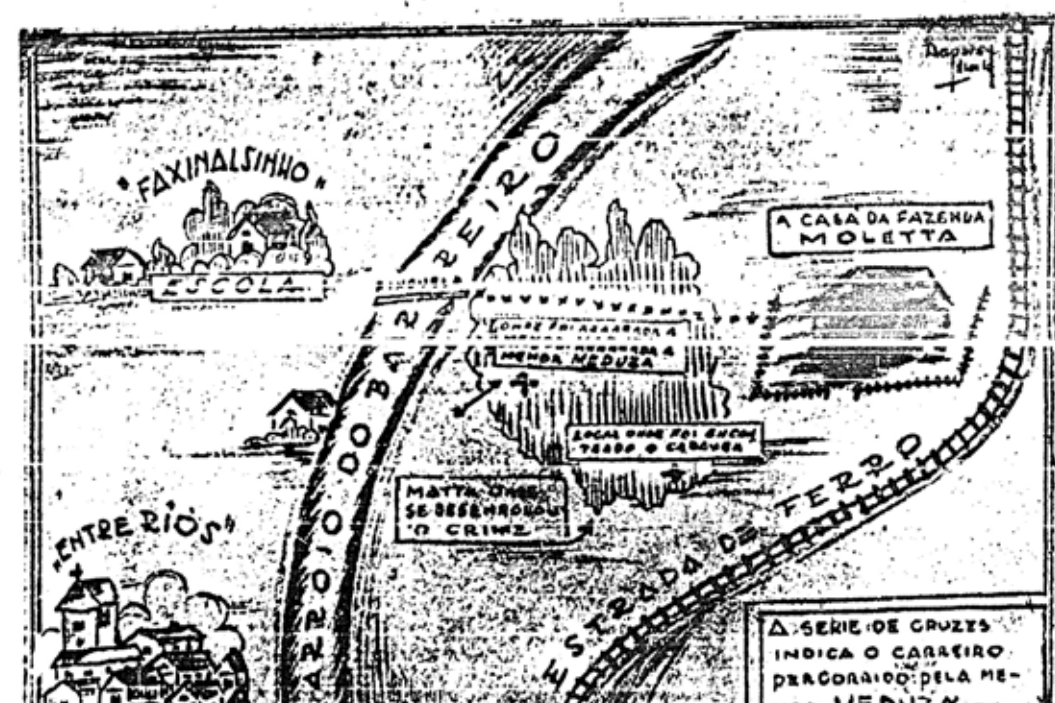
Noticiamos hontem que viera preso para Ponta Grossa, onde se conservava incommunicavel Frederico Costa, guarda-freios da S. P. R. G., sobre quem recebiam suspeitas de ser o autor do crime.

Essas suspeitas foram suavisadas por um exame medico á que Frederico foi submettido, ficando provado que o preso em questão, se achava doente muito antes de ser praticado o crime.

### UM PHENOMENO ESPIRITA? O assassino aparece em Curitiba

Pessoa muito relacionada e que se entrega á estudos sobre espiritualismo, narrou hoje á nossa reportagem, um phenomeno em que fôra parte.

No decorrer desta noite, teve



Diário da Tarde (reprodução autorizada)



Este jornal foi importante e conhecido no período. Era o que tinha mais anúncios e notícias locais e internacionais, sendo bastante lido até 1951, quando começou a contar com o apoio da *Gazeta do Povo* para circular. Na época, o jornal pretendia dar conta dos embates políticos do período sem privilegiar nenhuma orientação partidária. Ser “a folha imparcial” de maior circulação do Paraná era a sua ambição, para a infelicidade dos muitos cidadãos que, sem condições financeiras e políticas de se defender, apareciam como personagens de matérias sensacionalistas sobre misticismo e feitiçaria.

As práticas do espiritismo kardecista e da quiromancia, apesar de tudo, não foram tão estigmatizadas. O historiador Johnni Langer registrou que de 1920 a 1936 os quiromantes eram apresentados pelo veículo como cientistas que atendiam negociantes, intelectuais e artistas, a elite residente do centro da cidade. Além disso, o *Diário da Tarde*, mesmo reprovando Formiga e outros personagens – como uma família de cartomantes que em 1901 residia na Rua São José e, segundo o jornal, organizava “Sabbats infernais” –, contava com espíritas kardecistas como fontes de matérias investigativas e com anúncios de consultórios de quiromancia nos anos 1930.

Outro caso famoso e cercado de mistérios foi o assassinato de uma garota de 14 anos chamada Medusa, em Entre Rios, município de Santa Catarina. Em uma matéria de capa de 1934 lê-se que: “Pessoa muito relacionada e que se entrega a estudos sobre espiritualismo narrou hoje à nossa reportagem um fenômeno em que fora parte. No decorrer desta noite teve a seguinte visão: – Estava agarrando pela gola o assassino de Medusa. E interrogava-o. [...] A visão foi clara e o nosso informante pôde registrar os seguintes sinais do assassino [...]. Esses sinais combinam com os de certo indivíduo em cuja pista se acham a polícia e a nossa reportagem! Tratar-se-á de um sensacional fenômeno espírita?” Em 1933, o consultório de um quiromante, localizado próximo à redação do *Diário da Tarde*, teve um grande anúncio publicado na primeira página com os dizeres “Consultae vosso futuro em vossas mãos”. Felizmente, hoje sabemos que a autoridade para praticar e discorrer sobre as artes místicas nesta época foi proporcionada muito mais pelo capital que pela graça divina. Não à toa, em 1942, houve um cadastramento de centros espíritas da cidade, organizado pela polícia, por médicos e farmacêuticos que quiseram evitar a confusão daqueles centros com lugares

de práticas populares semelhantes, que recebiam a classificação de “baixo espiritismo”.

Denúncias de caça às bruxas

Nome também cercado de lendas urbanas e superstições é o do bairro Umbará, que no começo do século XX não foi tão contemplado pelo processo civilizatório quanto outras regiões curitibanas. Até hoje é dito que no último bimestre de cada ano acontece uma reunião de bruxas e bruxos em torno de um conhecido lago de lá, e que a noite naquela região é macabra e cheia de assombrações – melhor passear no Batel. Novamente, uma pesquisa informal na internet confirma a existência desses boatos. Mais assustador que ouvi-los é saber que antigamente a população local, majoritariamente católica apostólica romana, pretendia fazer a justiça divina com as próprias mãos.

Somente em 1958 o Umbará foi abastecido com energia elétrica. Até então, o estilo de vida da vizinhança era rural, a maioria dos residentes trabalhava direta ou indiretamente com o cultivo da erva-mate. Imigrantes italianos e poloneses eram maioria no lugar, então não é de se estranhar que a Igreja Católica tenha se estabelecido na região. Os padres e as freiras do bairro se encarregavam da educação, do lazer e da integridade física e psicológica da comunidade. O Padre Cláudio Morelli, por exemplo, paroquiano da Igreja Matriz do Umbará, receitou remédios para os seus fiéis até a sua morte, em 1915.

Em 1906, porém, o *Diário da Tarde* já trazia uma má notícia: um morador conhecido na região foi espancado pelos seus vizinhos, que atiraram as suas roupas ao fogo, acreditando que desta maneira iriam dizimar forças demoníacas do ambiente. O seu nome era João Baquiano, e o seu crime “espiritual” foi trocar rezas, encantamentos e receitas de curandeirismo por comida e dinheiro, que nunca chegaram a tirá-lo da sua situação de miséria e muito menos contribuíram para que ele trabalhasse nas fazendas de erva-mate. Além do mais, seguindo o código penal de 1891, João Baquiano era um fora-da-lei: em relação ao charlatanismo, o artigo 156 fazia uma distinção criminal à prática do ofício de curandeiro. Do charlatanismo místico ao sensacionalismo da imprensa marrom foi um pulo, e hoje o *Diário da Tarde* tem circulação modesta e esporádica como jornal popular. Seu conteúdo é composto quase que exclusivamente por repescagens de matérias da *Gazeta*. Há vida após a morte também para os jornais?



UM CROQUIS DA REGIÃO ONDE SE DEU O CRIME

musculos do pescoço haviam sido esmagados, talvez a violência do estrangulador e satyro.

NOVAS DELIGENCIAS

Regressando á capital o delegado Arcoverde, trouxe consigo Frederico Costa, para ser examinado pelos medicos. Pela Chefia de Policia, em entendimento com o “Diario da Tarde”, foi designado o major Dagoberto Dulcideo Pereira, para

AS DELIGENCIAS POLICIAES

Dirigindo-se ao local o dr. Alcides Arcoverde, delegado de Segurança Publica, realizou nove interrogatorios. Concluiu pela prisão de dois individuos suspetos. Um delles, Frederico Costa, guarda-freios da S. P. R. G., apresentava vestigios de lucta. Interrogado, declarou que estivera, na hora do crime conversando com carreteiros. Esse ponto ainda não foi esclarecido.

O outro suspetto, apresenta indicios que a policia não acha oportuno publicar.

Moises MOUSSELINE as melhores

Chegou o sr. Ataliba Leonel

RIO, 24 (União) — Procedendo de São Paulo, chegou, hoje, a esta capital, o politico paulista sr. Ataliba Leonel.

a seguinte visão: — Estava agarrado pela gola o assassino de Medusa. E interrogava-o. O assassino apresentava o aspecto de quem está arrependido. A visão foi clara e o nosso informante pôde registrar os seguintes signaes do assassino: é forte, tem signaes de hexiga, apresenta signaes de inchação na face direita; é moreno.

DETALHE SENSACIONAL

Esse signaes combinam com os de certo individuo em cuja pista se acham a policia e a nossa reportagem! Tratar-se-á de um sensacional phenomeno espirita? Para o local, á procura do homem hexigoso, segue nossa reportagem.

DIÁRIO DA TARDE

Feitiçaria

ARTES DE SATANAZ

Anna Formiga é o nome da mulher que diz ter relações com Satanaz, cuja vontade domina. E' moradora á rua Dr. Pedroza. Em noite passada, teve uma questão com um cabo do 13º regimento de cavallaria e jurou vingar-se.

Quando o cabo, no dia seguinte foi abrir a porta de sua casa encontrou no corredor junto ao portal da rua o seguinte :

Um pires de sal, um reis de cigarro, duas moedas de 10 reis e um coração de cera enleada em retroz pardo.

Logo depois deste facto, devido a impressão recebida, a mulher do cabo cahiu doente.

A policia tomou conhecimento do facto.

Do charlatanismo aos tribunais inquisitórios

Apesar de o Brasil nunca ter sediado um tribunal inquisitório, as práticas da inquisição foram difundidas na nossa cultura. As perseguições populares que sofreram Anna Formiga, João Baquiano e diversas outras pessoas de Curitiba são exemplos claros disso. Uma boa leitura sobre o assunto é da autoria de Laura de Mello e Souza. O estudo chamado *O Diabo e a Terra de Santa Cruz* (Companhia das Letras, 2009), traça uma genealogia desde o período colonial que evidencia a estratégia inquisitória mais recorrente por aqui: a difamação. Cartazes com nomes de suspeitos de bruxaria eram afixados não pela Igreja, mas pela comunidade cristã, que com muito mais frequência resolvia com esta estratégia questões pessoais que estavam longe de servir o divino.



# A Lenda do Nego D'Água

Com a construção de uma hidrelétrica na região de Uruaçu, no Norte de Goiás, muitas fazendas, minas e uma cachoeira foram alagadas, gerando histórias de assombração de arrepiar

*Sinvaline Pinheiro*



fotos: Leônidas Vidal



A construção do Lago de Serra da Mesa trouxe grande impacto ambiental e social para a região Norte de Goiás. Contudo, trouxe o turismo, a pesca e também fez surgir lendas e lendas. Algumas, antigas, agora reviveram, assombrando a população do norte goiano.

Com o lago cheio, cavernas pré-históricas ficaram debaixo do volume imenso de água, cuja superfície se estende ao longo de 1.780km<sup>2</sup>, transformando fazendas antigas em casas assombradas. Povoados inteiros foram alagados, gerando histórias de assombração, ouro enterado e tantas outras de arrepiar o cabelo.

São histórias que se tornaram lendas populares na região de Serra da Mesa, onde outrora havia muitos garimpos. Essas lendas se repetem com tempo, e, mesmo mudando um pouco, no fundo expressam dúvidas e anseios do homem goiano.

Os causos fazem até perder o sono. Alguns são tão assombrosos que os adultos não contam perto das crianças, mas continuam arraigados na memória popular. Com o surgimento do Lago de Serra da Mesa, a lenda do

Nego D'Água reviveu. É possível coletar hoje depoimentos de pessoas que se diziam vítimas do “bicho”, assim como outros que ouviram dos mais velhos histórias de várias aparições do Nego D'Água na região.

Na cidade de Juazeiro, na Bahia, foi construída uma escultura do Nego D'Água pelo artista Ledo Ivo Gomes de Oliveira com mais de 12 metros de altura no leito do rio São Francisco.

A lenda do Nego D'Água pode ser ouvida em todo o Brasil. Em Goiás, ela já era contada pelos mais antigos, que juravam ter visto nos rios, principalmente nas cachoeiras, o bicho danado. De onde ela surgiu não se sabe. Muitos, como o Sr. Mário, não gostam muito de falar no assunto. Se pergunto, ele desconversa:

– Vamo deixá esse assunto pra lá. Fico sonhando de noite quando iscutio falá de Nego D'Água. Quando era piqueno esse bicho afundou a canoa do meu pai. Nós num gosta de falar disso não.

Um mergulhador, que não quis se identificar, afirmou ter deixado de mergulhar porque viu alguma coisa estranha surgindo do fundo do lago, o que julga ser o



tal de Nego D'Água. Assim, a história tomou força e até virou tema de peça teatral nas escolas da região e em outros locais.

Antes da construção da hidrelétrica, existia, no rio Maranhão a Cachoeira do Machadinho, hoje coberta pelo Lago de Serra da Mesa. Segundo moradores mais antigos, ela surgiu a partir de um grande paredão de pedras construído por escravos para garimpar ouro no fundo do rio. Quando o paredão não resistiu, a água levou escravos e ouro, formando a cachoeira, que tem entre 10 e 12 metros de altura. Os pescadores que dormiam na casa de pedra diziam ouvir gritos e até uivos vindo da cachoeira: seriam os gemidos dos escravos mortos com o desabamento, que, revoltados, apareciam como Negos D'Água assombrando as pessoas.



Agora, o grande lago está cheio de mistérios, especialmente na região de Uruaçu. Debaixo de suas águas ficaram os garimpos, as cavernas e os fósseis. E as lendas, que vão ressurgindo em vários pontos do imenso reservatório de água.

Quem perdeu sua terra deu jeito de comprar uma área pequena, um lote, e fazer um barraco ou um rancho às margens do novo lago. Foi o modo encontrado para garantir o local da pesca, principalmente do peixe tucunaré, que ainda existe em abundância por ali.

Seu Pedro, morador, afirma com certeza que foi vítima do Nego D'Água. Seu ranchinho às margens do

lago é cercado de arame. Lá, ele plantou mandioca, milho e pimenta. Construiu uma canoinha de pau e, assim, se sente como um verdadeiro fazendeiro.

Todas as tardes pega a canoa de pau e vai atrás dos peixes. Pesca até anoitecer. Com olhos estatalados, revive uma experiência aterradora:

– Outro dia o sol já ia entrano, e vi um vurto n'água. Não dicifrei o qui era. Entonse, remei mais perto pra vê... Chegano perto, o vurto afundou n'água. Pensei que fosse peixe grande, então amarrei minha canoinha, acendi o pito pra espantá as muriçoca e fiquei por ali.

Faz um gesto cristão em nome do Pai e continua:

– Num gosto nem de alembirá, Dona. A canoa começou a balançar forte, nem vento tinha. Peguei o facão e fiquei procurano, num via nada, e a canoa balan-



fotos: Sinvaline

çano mais forte. Dirrepente vejo uma mão preta de dedo torto sacudino a canoa. Nem pensei: desci o facão e nem sei se o grito foi meu ou do bicho!

Eufórico, ele continua:

– Eu fiquei sem forgo e num conseguia sair do lugar. A canoa acarmou e remei pra dentro do rancho bem depressa.

Segundo ele, com calma coletou os dedinhos na canoa e colocou numa lata. Nem olhou direito, só viu que eram magros e enrugados.

Seu Pedro conta que passou a noite sem dormir direito. Lembrou das histórias do pai que os antigos rios

Maranhão, Passa Três, Cachoeira do Machadinho eram assombrados, e o Nego D'Água aparecia sempre. Longa noite de pesadelos.

Lembrou do amigo Zé contando:

– Nós ia atravessando o gado de nado e os canoeiro acompanhamo, e os Nego D'Água ia nadando de pareia com o gado! Eles tinha cara de gente e pé de pato igual um reminho.

Já seu compadre Ademar dizia:

– O Nego D'Água tem dois forgos, um da água e outro de fora. O bicho é brabo!

O avô descrevia:

– Os Nego D'Água só tem um zói grande no meio da testa, ele afoga os pescadô!

De manhã, Seu Pedro diz que foi pegar a lata para levar para a cidade e não havia nada. Sumiu a lata com os dedos e tudo!

– Dona do céu, a lata sumiu com os dedo, aí fiquei apavorado e corri para a cidade pra pidi socorro. E agora eu ia contá e o povo num ia acreditar...

Chegando à cidade de Uruaçu, ele contou a história para muitas pessoas. Uns riram, outros acreditaram e até confirmaram que com certeza o Nego D'Água tinha voltado.

José Américo vizinho conta que realmente Seu Pedro ficou muito assustado, tendo até adoecido. E nunca mais foi pescar sozinho. Ele narra:

– É verdade o que ele conta, é um home sério, num ia inventá essas coisa. E o medo que ele tem agora, num sai mais sozinho pra canto nenhum. Esse “bicho” já apareceu pra muita gente aqui na redondeza, eu cridito sim...

Dona Nega, esposa de Seu Pedro, confirma:

– É certo que Pedro viu alguma assombração, ele ficou medroso. Ainda bem que, se for o tar de Nego D'Água, agora ele vai aparecer mas é fartando os dedos da mão...

Seu Pedro coçou o queixo, pensou e disse para a mulher:

– É, agora eu cridito em Nego D'água que meu pai contava. Por pouco ele não afundou minha canoa. Danado esse bicho!

Aí a história cresceu, tomou estrada e o fantasma continua aparecendo em várias partes do lago. Os assustados que o veem só ainda não notaram se é o mesmo Nego D'água sem os dedos da mão...





# Overmundo em pílulas

## 01

### **Caçadores de mitos**

Procura-se Caboclo D'Água. Recompensa: R\$10mil (pela foto). Andriolli Costa conta sobre grupo que planeja a captura de monstros do imaginário mineiro, lançando novos olhares sobre o folclore regional.

## 02

### **Vai no passinho do menor da favela**

Das duplas de MCs às montagens, o funk carioca não parou de se reinventar. A cultura funk, movida por um turbilhão de modas, encontra no passinho um misto de diversão e disputa, ganhando cada vez mais adeptos. João Xavi narra essa trajetória de encontros de raízes com a contemporaneidade e desenvolve sua curiosa tese sobre como o “passinho” pode representar uma espécie de libertação do corpo e da expressão corporal tipicamente masculina nos bailes.

## 03

### **Sinhozinho, em busca do profeta**

Sinhozinho, personagem mítico de Bonito, MS, era um profeta mudo que arrastava multidões para suas pregações silenciosas. Curandeiro, realizava milagres, deixando importante legado na cidade. Laryssa Caetano investiga seus rastros e sua história.

—  
*Em todas as edições, a Revista Overmundo seleciona o que de mais bacana circulou e gerou discussão entre os conteúdos do site nos últimos meses. Leia mais em [overmundo.com.br](http://overmundo.com.br)*  
—

## 04

### **O saudoso sebo da floresta**

Qual é a importância de um sebo para seus frequentadores? Pois o Arquipélago, em Manaus, era mais que uma livraria com preços acessíveis. Era um ponto de encontro, com direito a batalhas de RPG, além de um acervo considerável de quadrinhos. Rosiel M. compartilha um pouco desse momento de despedida.

## 06

### **O ataque do Saci Urbano**

Chega de mitos despolitizados! O folclore toma conta das grandes cidades em forma de crítica social. Trata-se do Saci Urbano... Andreolli Costa, da Revista Poranduba, conta como o saci, este diabrete símbolo nacional, surgiu nos muros e paredes de São Paulo e outras metrópoles, com cara de “pobre sofredor”, na arte e nas palavras do grafiteiro Thiago Vaz.



## 05

### **Metal paraense tipo exportação**

Quem disse que o Pará só exporta tecnobrega? Disgrace and Terror, banda paraense de thrash e heavy metal, comemora 10 anos de carreira com uma turnê pela Europa.

## 07

### **Andando na prancha**

Ai que vida!, filme de Cícero Filho que ganhou fama circulando na forma de DVD pirata no Piauí, é objeto de pesquisa do projeto Open Business alguns anos depois. O diretor fala sobre modos de produção, profissionalismo e contradições.



# Parnaso de além-túmulo

—  
Aos 73 anos, Joviano Martins Soares Filho, que assume na poesia a alcunha de Conde Belamorte, ainda guarda bela obra literária desconhecida do grande público

—  
Mariana Filgueiras

— O Conde Belamorte nasceu Joviano Martins Soares Filho, em Nova Lima, Minas Gerais, no dia 2 de novembro de 1938, um Dia de Finados. Foi livreiro, vendedor, barbeiro, costureiro, trompista, atleta, professor, mas principalmente poeta. Em seus versos, a alcunha e temática funestas sempre o acompanharam. Desde o primeiro livro, *Rosas do meu altar*, publicado em 1955. Depois em *A dança dos espectros*, lançado em 1963, e *Tonico Tinhoso, o afilhado do diabo*, de 1985.

Belamorte experimentou fama repentina no início dos anos 60, quando um repórter da revista *O Cruzeiro* descobriu sua Barbearia Belamorte, no bairro Santa Efigênia, em Belo Horizonte. Pelo estilo peculiar, participou de programas de rádio e tevê, ao lado de Chico Xavier e Zé do Caixão. E sua poética sofisticada foi comparada à de Augusto dos Anjos. Belamorte vive de maneira modesta, em Vila Kennedy, no Rio de Janeiro, onde dorme num sarcófago improvisado e cuida da filha mais nova, Semíramis, de 10 anos (a mais velha, Euterpes, tem 42, e vive em Belo Horizonte, com o resto de sua família). Pela dedicação com a pequena, ganhou no ano passado um diploma de “Melhor Pai da Vila” da Associação de Moradores de Vila Kennedy.

A qualquer hora do dia, Belamorte pode ser visto impecavelmente vestido com sua manta negra coberta por adereços de caveiras, como se a morte fosse fantástica e ordinária. E terna, como é a sua voz. Aos 73 anos, o senhor negro de barba branca foi redescoberto pelo músico pernambucano Armando Lobo, que musicou um dos seus poemas, “Atrás das máscaras”, encontrado por acaso num sebo. Belamorte vive de aposentadoria e ainda escreve versos, todos os dias, à mão: há seis meses, acabou a fita da máquina de escrever, e ele não encontra outra de jeito nenhum. No armário, jazem pastas e mais pastas de sonetos inéditos, uns macabros, outros lascivos, todos fantásticos – como os que você lê na sequência.

## Como teve início o seu interesse pela morte?

Em Nova Lima, quando eu era criança, sempre gostei de ficar quietinho, pensando sozinho. Um dia meus pais se mudaram para uma casa ao lado de um cemitério.

E lá virou o meu quintal. Eu cresci achando que lá era um jardim como qualquer outro. Nunca tive medo. Lá, eu tive muitas inspirações, fiz muitas reflexões. Eu gosto tanto de cemitério que levei um pedaço para dentro de casa: fiz um túmulo lá em casa. As pessoas acham estranho, mas eu acho bonito. É um excelente lugar para meditar. A coisa mais certa que há é a vida após a morte.

## O senhor também levou o apreço pela morte para a indumentária...

Fiz curso de corte e costura, e eu mesmo faço minhas roupas. Hoje em dia, só desenho. Fiz o curso para estar mais próximo das mulheres. Adoro estar entre elas. As caveirinhas, levo comigo como um símbolo de humildade. Elas nos lembram de deixar a presunção lá fora. Elas nos lembram quem somos de verdade. Também gosto muito de turbantes. Eu enfeito minha cabeça porque acho ela bonita. Gosto do que tem dentro dela. Quando enfeito minha cabeça, estou lançando uma mensagem de amor à Índia. Até fiz uns versos sobre isso: “Demonstro natural gosto/ emoldurando meu rosto/ com um indiano turbante./ Que em artística linguagem/ de amor fraterno, uma mensagem/ que mando à Índia distante” [aplausos]. Hoje, levo ela [a cabeça] pelada e uso turbante. Antigamente, os poetas eram cabeludos. Era meu fracasso como barbeiro, lá em Minas, na década de 60. Fechei minha barbearia e vim para cá.

## Quais são suas influências literárias?

Edgar Allan Poe, Lord Byron, Charles Baudelaire, Augusto dos Anjos e Jorge de Lima.

## E sobre a sua relação com as mulheres? Além dos poemas

## macabros, você também tem muitos poemas lascivos...

Por que todo místico é erótico? Eu me indago sempre. Mas é um fato. Eu sou muito lascivo! Quanto mais envelheço, quanto mais perto da morte eu chego, tanto mais vivo por dentro me sinto. Eu era um tanto apagado sexualmente no início da vida. Aos 50 e poucos anos comecei a praticar caratê e meu sangue entrou em ebulição. No meu primeiro casamento não tive lua-de-mel. Hoje em dia, todo dia eu quero lua-de-mel. A vida me chama para isso. Até no gozo erótico, Deus está presente. Escrevo tantas coisas sobre as mulheres... apesar de ter sofrido tanto nas mãos delas. Eu amo as mulheres. Faço tudo para ficar perto delas. Sou muito fã do Casanova. Não tem uma mulher que eu conheça que não ganhe um soneto. (Abre a pasta de poesias e mostra uma foto antiga recortada de revista: nela se vê a atriz Luma de Oliveira, grávida do filho Thor, hoje com 20 anos). Fiz um soneto para ela na época. Olha que coisa mais linda uma mulher grávida. Como alguém pode abandonar uma mulher assim? Por isso entre meus sonhos está o de construir um lar para mães solteiras.

## Mas no prefácio de seu livro *A dança dos espectros*, você diz que a morte merece mais o seu afeto do que a mulher. Tem um toque de humor ali, não é?

Faço muito humor quando escrevo. Nos sonetos que faço para minhas amantes, dou apelidos com nomes estapafúrdios, como Madame Morcego, Madame Coruja, Caveirinha, esses nomes engraçados. Mas o poeta também é triste: escrevi muitas coisas tristes para a minha Condessa Belamorte [em 1962, a modelo italiana Gillida Bettoni apaixonou-se por Belamorte, em Belo Horizonte, ficando no país com ele e trabalhando em sua

barbearia. Deu-lhe uma filha, Euterpes, mas voltou para a Europa anos depois. Numa pasta, guarda uma mecha dos cabelos dela]. Chamei-a de Harpia, e me arrependo muito. Nenhuma mulher merece que falemos mal delas, principalmente quando nos dão filhos.

## Belamorte, você tem religião?

Muitas vezes estou no meu túmulo e medito de tal maneira que o espírito sai... vai longe. Acredito em bicorporidade. Mas eu não sou um espírita completo. Eu simplesmente achei no dia do meu aniversário, certa vez, o *Parnaso de além túmulo* [de Allan Kardec]. Fiquei empolgado. E aí me converti ao espiritismo. Mas não apregoo, acho feio. Não faço proselitismo. Mas o que eu escrevo, queira ou não, acaba fazendo uma pregação com a vida do além.

## No prefácio do livro *A dança dos espectros*, o senhor se pergunta: “não acharia este lúgubre poeta tantos outros temas interessantes e alegres dentro da vida?”. Eu repito a pergunta agora, quase 50 anos depois que o livro foi lançado.

Os temas mais bonitos da música e da pintura têm ligação com a morte. Por que não a poesia? E a morte não é morte: não é um fim, mas uma sequência.

## Você já tem preparado o seu velório?

No meu velório, não quero nenhum fanático religioso, nenhum carola. Quero que contem piadas picantes, que riam, que contem como eu vivia. Porque eu continuarei vivendo... A morte revela o homem. Como eu já escrevi em algum soneto [“Rosas do meu altar”, 1955]: “O homem vive enganando o mundo inteiro/ E, a si mesmo, conscientemente, engana/ Até cair nas garras do coveiro!”



# Poemas sobrenaturais do Conde Belamorte

## Nasce o Conde Belamorte

50 anos faz... na capital mineira  
um cidadão surgiu com negra indumentária  
com longa capa negra, emblema de caveira  
e cavanhaque hirsuto igual visão lendária...

Era um poeta feral que, do sepulcro à beira,  
fugindo ao ramerrão da urbe tumultuária,  
pensara e crera, enfim, que a vida verdadeira  
continua depois da tuba funerária

Disseram que era louco, idiota, cabotino  
por na morte encontrar veraz encantamento  
e discernir o nosso espiritual destino...

Eu sou este varão audaz  
de ânimo forte que adotou, através do Novo Testamento,  
o nome original de Conde Belamorte.



arte sobre reproduções de O Cruzeiro

## Filosofando

Sendo idoso, com mais de 80 anos  
A morte já me espreita a cada passo  
E em meio aos afazeres cotidianos,  
Vai dar-me o seu inesperado abraço

Irei feliz  
Meu coração devasso parará de bater  
Os desumanos não mais me picarão pelo que faço  
Nem maldirei seus atos insanos

Morte é libertação, fim de sequência  
Fim da nossa matéria transitória  
Continuação da espiritual essência

Minha vida é rígida e notória;  
Sempre exaltei a minha incontidência  
Que no além não expõe peremptória

## A mosca agonizante

Termino a refeição. Vou à janela.  
A sós, no parapeito me debruço.  
Contemplo ao longe as nuvens da alegria  
Que se esgarçam Agora o ouvido aguçado...  
É uma cantiga de ninar, plangente...  
Ê, da aragem, o lânguido soluço.

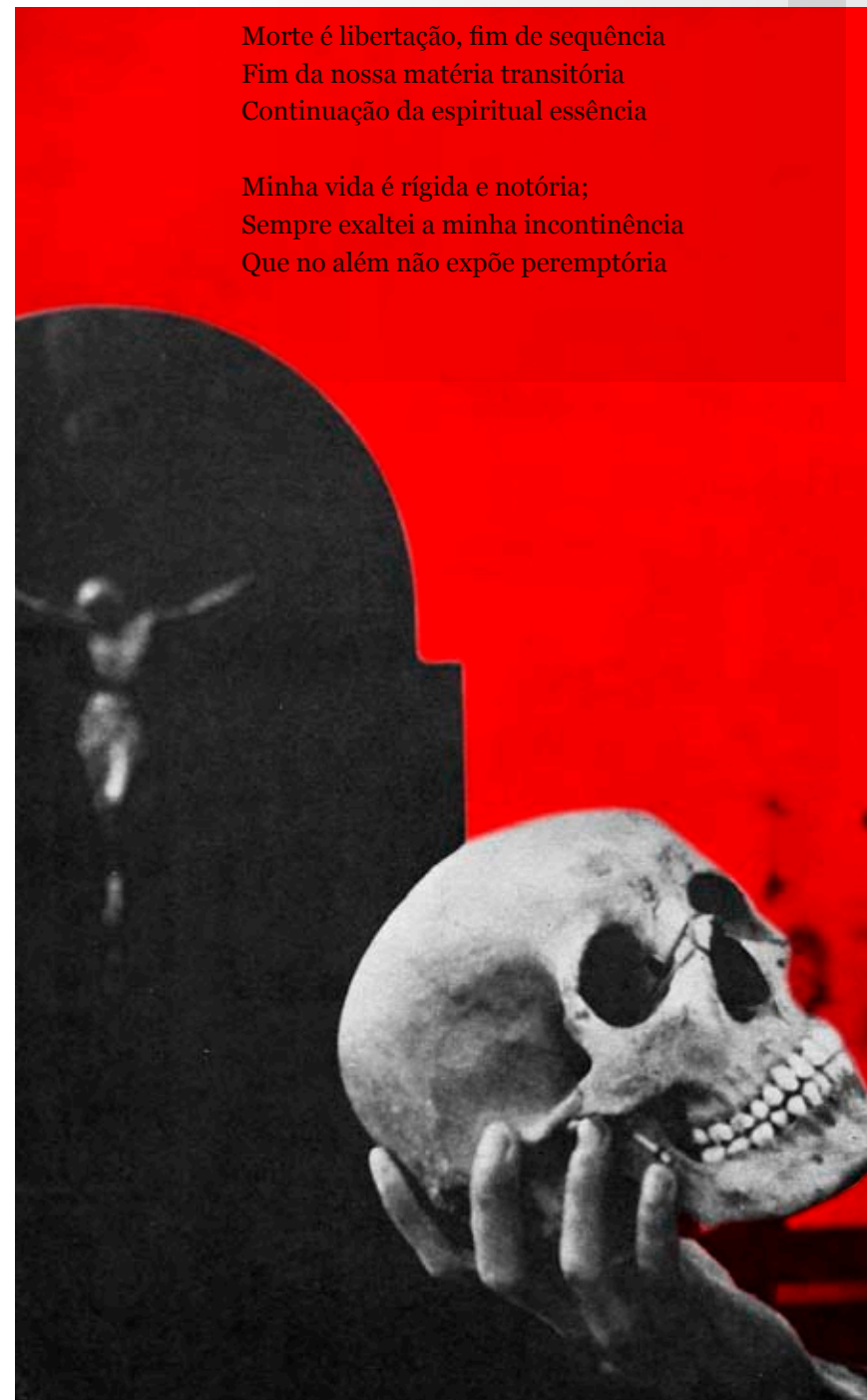
Desvanecem-se as nuvens da tristeza.  
Dos montes entre as rígidas cortinas,  
No seu manto radioso de beleza,  
E estende ainda o sol, pelas campinhas,  
Beijos de oiro, no altar da Natureza.

Que poesia me embala nesta hora!  
Que baladas de amor a brisa canta!  
Por que, cantando, tudo, tudo chora?...  
Minh'alma, comovida, alto levanta  
A lira alegremente, mas, agora  
Sinto uma angústia sublimada e santa!

"The day is done"... Ó lírico Longfellow!  
Como vós, nesta hora de agonia,  
Um sentimento de tristeza cai  
Sobre o meu coração e a tarde fria  
Afaga-me com a música melíflua  
Da vossa melancólica poesia!

Baixo os olhos. No plácido jardim  
Há rosas merencóreas que se fanam  
À volúpia dos rútilos e ardentes  
Beijos do sol; também doutras emanam  
Suavíssimos olores. Neste ambiente  
Algo me torna o coração mais doente.

Vejo um pequeno inseto rebrilhante  
E de asas transparentes, que agoniza  
Sobre uma pedra... Ó pobre mosca zul.  
De asas leves, porosas como a brisa!  
Ao contrário daqueles que te odeiam,  
Por ti não sinto laivo de ojeriza!





# T O N i O L O O L O i N O T

—  
Toniolo: a história do  
responsável pela palavra  
mais pichada nas paredes  
de Porto Alegre  
—

Henrique Reichelt

T O N T O N T O N  
i O L O i O L O i O L O  
O L O i O L O i O L O i  
N O T N O T N O T

T O N i O L O O L O i N O T  
T O N i O L O O L O i N O T  
T O N i O L O O L O i N O T



O L O  
N O T

T O N  
i O L O  
O L O i  
N O T



fotos: Toniolo (arquivo pessoal)



Embora desprovido da instantaneidade da Internet, o correio funcionava, e ainda funciona, como um importante meio de diálogo para a produção de notícias. Através dele, por vezes as discussões entre redatores e leitores ganhavam sua devida publicização pela seção “cartas do leitor”, por exemplo. Poucas pessoas sabem que o lendário Toniolo, antes de se destacar como o maior pichador de Porto Alegre, também foi o recordista nacional de publicações deste espaço, segundo confirma a reportagem de Marcelo Campos.

## Toniolo, o policial escrivão

Nascido em Porto Alegre no dia 17 de outubro de 1945, morador do bairro Petrópolis, escrivão da polícia civil, Sergio José Toniolo era um perito da objetividade. Sua narrativa técnica somada ao conhecimento para o levantamento de provas, garantiram-lhe espaço de destaque nos jornais de todo o país. Ocupava-se dos mais diversos temas, muitos dos quais entravam em pauta e geravam uma série de notícias. Eram matérias sobre irregularidades no trânsito, reformas da língua portuguesa, organização de campeonatos de futebol e, em meio à ditadura militar, também realizava denúncias a respeito

da própria polícia. Em 1976, Toniolo criticou o tratamento que os policiais davam aos menores abandonados, deixando os verdadeiros criminosos agirem livremente. Em janeiro de 1978, também denunciou o sistema privado de guinchos do Detran de Porto Alegre, que funcionaria segundo interesses financeiros dos prestadores.

Segundo Toniolo, a primeira carta publicada lhe rendeu uma repreensão por parte de seus superiores, que a julgavam desfavorável ao bom comprimento das atividades policiais. Já a segunda (ambas publicadas no jornal *Zero Hora*), rendeu uma detenção de 42 dias no Hospital Espírita de pronto-atendimento psiquiátrico. Em 7 de março de 1978, Toniolo foi internado sem passar por quaisquer exames de avaliação, tendo recebido licença para tratamento de um mês só após sua saída.

Em julho de 1978, o delegado Sergio Oliveira Gusmão emitiu um parecer considerando Toniolo um “elemento perigoso” e uma ameaça à organização policial. Também sugeriu a instauração de um inquérito administrativo visando seu afastamento. Em dezembro de 1978, Toniolo foi devidamente examinado pelo médico Gildo Vissoky, que diagnosticou não haver nada de errado em sua saúde mental.



### Toniolo, o político

Com mais de 2 mil cartas publicadas desde 1972, Toniolo ganhou reconhecimento e destaque, o que levou o programa *Fantástico* da Rede Globo a realizar uma entrevista com ele em 31 de agosto de 1980. No entanto, após ganhar projeção nacional, Toniolo afirmou em nota publicada no jornal *Hora do Povo*, intitulada “Felizmente ainda existem jornais como o HP”, que a partir dessa data, gradativamente, todos os jornais do país deixaram de publicar suas cartas, devido a ameaças das autoridades. No mesmo artigo, denunciando que a tão esperada liberdade de imprensa ainda não chegara ao Brasil, citou o caso do editor regional Delfim Moreira, responsável pela matéria do *Fantástico*, que teria sido sumariamente demitido em função dela.

Já em março de 1982, período de retomada das eleições, as coisas pareciam mais favoráveis. Toniolo recebeu um telegrama do então senador Tancredo Neves dizendo “*Nosso partido (PP) necessita sua ajuda. Conte com meu apoio para candidatura a cargo de sua preferência. Abraços, Tancredo Neves.*”

Toniolo prontamente aceitou o convite. Solicitou ao TRE-RS candidatura a deputado estadual pelo PMDB, que acabara de fundir-se ao PP de Tancredo. Frente à nova empreitada, Toniolo passou a dedicar o conteúdo de suas cartas à discussão do recente processo de abertura política. Dentre muitas críticas contundentes à redemocratização e as eleições em especial, cabe destacar a dirigida à aplicação da Lei Falcão, que garantia espaço gratuito na mídia para todos os partidos. Usando o próprio PMDB como exemplo, Toniolo criticou os critérios adotados na repartição do tempo de propaganda, o qual deveria ser equânime para todas as candidaturas. Os partidos estariam dividindo o “horário eleitoral gratuito” em função dos investimentos de campanha. Quem conseguisse alocar maiores recursos para se autopromover, ficava com mais tempo, situação que o prejudicava em particular. Fruto desta insatisfação, Toniolo começa a esboçar as primeiras pichações de seu sobrenome, como confirmado tanto pela “memória da comunidade” quanto em um dos muitos processos judiciais pelos quais passou nos anos seguintes.

Entretanto, a carreira político-partidária de Toniolo não foi para frente. A Justiça Eleitoral alegou que o escrivão já era filiado ao PTB e embargou sua candidatura, fato que Toniolo caracteriza como uma fraude arbitrária para barrá-lo de concorrer. Coincidentemente ou não, em 25.03.1983 Toniolo foi oficialmente aposentado por invalidez ao ser diagnosticado como portador de

esquizofrenia paranóide. A partir de então, o ex-escrivão da polícia civil de Porto Alegre radicalizou sua atuação pública. No mesmo ano, enviou carta ao *Jornal de Brasília*, intitulada “Mentiras de um Coronel”, denunciando Atila Rohrsetzer, então diretor do SCI – Serviço Centralizado de Informações da Polícia Civil, que pediu demissão do cargo dias depois da publicação da carta que dizia:

Posso afirmar com absoluto conhecimento de causa que o coronel Atila Rohrsetzer mentiu ao *Jornal de Brasília* [...] quando negou que comandou o seqüestro de Lílían Celiberti e Universindo Dias [...] Inclusive, é de meu conhecimento que o coronel Atila foi quem comandou toda a fraude das eleições de 82 neste Estado.

Indignado, converteu aquilo que viria a ser uma ação de propaganda política clandestina em um protesto simbólico. A partir de então, Toniolo passou a pichar frases ofensivas à Justiça e a deixar sua assinatura a todos os cantos da cidade de modo agressivo.





### Toniolo, o pichador

Em 1984, a onipresença que a palavra “T.O.N.I.O.L.O” ganhava em Porto Alegre despertou o interesse do jornalista Lasier Martins, que convidou o tal pichador para uma entrevista em seu programa de curiosidades chamado Guaíba Revista, na Rádio Guaíba. Muito astuto, Toniolo aproveitou essa oportunidade para realizar um feito que ficaria marcado na história da pichação: *a pichação com hora marcada*.

Em sua ida ao programa, Toniolo anunciou: “No dia 17 deste mês (janeiro de 1984) vou pichar o palácio Piratini (Palácio do Governo do Estado do Rio Grande do Sul)”. A repercussão chegou aos ouvidos do governador Jair Soares, que disponibilizou 200 policiais de prontidão para evitar o atentado. No entanto, estes homens dispunham de uma foto antiga, de quando Toniolo ainda não era careca. Além disso, na rádio, Toniolo convocou a imprensa para uma entrevista coletiva na Praça da Matriz, localizada logo em frente do palácio, onde falaria pouco antes de realizar a ação. Na verdade, tratava-se de uma estratégia engenhosa. Com a atenção de todos voltada para frente do palácio, Toniolo apareceu, não na praça, mas na Igreja da Matriz, localizada ao lado do Piratini. Saindo da catedral, Toniolo sorrateiramente se dirigiu ao palácio. Mesmo assim, vários policiais voltaram-se contra ele, mas antes que dissessem qualquer coisa, Toniolo os saudou: Boa tarde, irmãos! Os policiais acreditaram que aquele homem calvo e pacífico que vinha da igreja certamente seria um padre inofensivo e o deixaram passar. Deste modo, exatamente no horário que anunciara, Toniolo cumpriu o prometido. Conseguiu escrever T.O.N.I.O.L até o momento em que foi detido, deixando a letra “O”, de seu sobrenome, faltando.

Mas a história não termina aqui. Toniolo sabia que ao ser preso seria encaminhado ao Hospital Psiquiátrico São Pedro para uma avaliação de sua saúde mental. No entanto, para os funcionários do hospital, Toniolo era conhecido como o escrivão de polícia que frequentemente trazia os loucos para serem avaliados. Aproveitando-se deste contexto, no momento em que foi conduzido para a internação, Toniolo adiantou-se em relação aos guardas que o acompanhavam e anunciou à recepção que estava trazendo dois doentes perigosos com “mania de polícia”. Quando os enfermeiros foram para cima dos policiais, Toniolo aproveitou da confusão gerada entre todos e conseguiu fugir. Nunca mais foi detido por esse delito.

Meses depois, Toniolo planejou o retorno da pichação com hora marcada. Alvo: Palácio do Planalto Nacional. Aproveitando o movimento Diretas Já, anunciou por meio de cartas em jornais que, no dia 15.11.84, picharia a sede do poder executivo em protesto a não realização das eleições diretas que, caso aprovadas, seriam realizadas na mesma data, e convidou a população brasileira a unir-se a ele nessa ação. Diferentemente do que se sucedeu em Porto Alegre, Toniolo afirmou em outra carta publicada no *Jornal de Brasília*, que o objetivo principal não era pichar, mas denunciar que “no Brasil não se tem liberdade nem para pichar muros, que é a mais livre e primitiva expressão popular da humanidade”. Toniolo previu que seria preso na divisa de Brasília por agentes da Presidência da República numa demonstração de força do governo. Sendo assim, não levou seu “spray carregado até a boca de tinta” e nem ao menos dinheiro. Ficaria por conta do general João Batista Figueiredo, então Presidente da República.



Ao entrar no ônibus PortoAlegre-Brasília do dia 11 onze de novembro daquele ano, Toniolo de antemão alertou a todos os passageiros que seria preso e pediu a eles que avisassem a imprensa. Quando os agentes chegaram, informaram que se tratava de uma inspeção de rotina e que não iriam prender ninguém. Nesse momento, Toniolo interveio, reafirmando a todos que eles estavam ali para prendê-lo, o que de fato ocorreu. Após ser levado para um hospital psiquiátrico de Brasília, foi mandado para casa em sua primeira viagem de avião. Seja como for, o anúncio de Toniolo surtira efeito, pois, além dos jornais terem produzido charges dele pichando o Palácio do Planalto, na alvorada do dia seguinte, ele amanheceu com os dizeres T.O.N.I.O.L.O em suas paredes.

O jornalista Marcello Campos, que o entrevistou e investigou a história, confirma-a no documentário *Toniolo*. Mas, chama a atenção para um ponto importante: “Aí é importante a questão do mito, é onde o mito extrapola a questão da transgressão em si, para se tornar algo aceito socialmente e até visto de uma maneira condescendente”.









# Quando as Águas Dormem



— Pesquisadora do projeto “Meninos, eu ouvi!”, que mapeou lendas e mitos no interior e na capital capixaba, narra a riqueza das histórias do imaginário popular com que se deparou

—  
Janaína Serra

Ilustrações: Projeto Meninos, eu ouvi! (reprodução autorizada)

*Externa/Noite* – As águas corriam calmas, era noite dessas que a paz parece reinar no mundo. Lá no alto a lua brilhava soberana, assumindo pra si a luz do sol, alumando um peixe e outro que pulava pra lá e pra cá. O tempo passava sereno quando de repente... NADA. Pra um lado NADA, pro outro NADA. A canoa parou, o peixe alvoroçou, a noite soou com todos os bichos, eram os barulhos que só se ouviam naquela hora misteriosa. Mas faltava alguma coisa... Agucei o ouvido, estreitei o olhar, tentei sentir cheiro de assombração e NADA. Aí eu percebi: era o correr das águas... Olhei uma vez, olhei duas, esfreguei os olhos e vi o que um duvida: a água toda dormindo! Tudo paradinho... Mas aí eu nem tive muito tempo, não, porque no meio do sonho da água ele apareceu! Ah, eu não tive dúvida, quando senti a canoa balançar agarrei o facão e PÁ! – cortei os dedos do danado e levei pra quem quisesse ver. Caboclinho D’água nenhum vira minha canoa.

A água acordou e correu. Era senhora de tudo.



O Espírito Santo comporta paisagens exuberantes que vão do mar à montanha sob o testemunho de orquídeas, bromélias e colibris. Palco perfeito para o que há de mais fantástico. Mas o que mais fascina e desperta curiosidade por aqui é que não raro os espectadores participam da cena, podendo inclusive passar de coadjuvantes a protagonistas – na hipótese de alguém virar lobisomem, por exemplo.

O folclore capixaba é rico em aparições e assombrações. A probabilidade de seres como o caboclinho d’água ou o lobisomem aparecerem é proporcionalmente relativa à presença de matas, rios, cachoeiras, pedras e mar (no caso do mar, é mar adentro, onde vivem as sereias). E, quanto mais próximo alguém vive de um local onde a natureza se impõe, maior será a incidência de mitos e lendas em seu dia-a-dia ou no de pessoas muito próximas.

Como em um mundo paralelo, os moradores se relacionam com os mitos, veem assombrações e presenciavam fatos maravilhosos enquanto vão à escola ou à casa dos avós. O maravilhoso vai respirando e vez ou outra derruba as paredes entre real e imaginário pra mostrar que ainda é possível.

No caminho percorrido – norteadado pela divisão cultural do estado, proposta pelo folclorista Hermógenes Lima da Fonseca –, o som dos pássaros esteve sempre em primeiro plano sonoro. Pássaros do dia e da noite contando casos, presenciando conversas. Muitas das lendas que existem para além dos limites geográficos são contadas por aqui e trazem sempre no tom (como em todo lugar) a graça local.

**Um lobisomem que na verdade é um porco. Mas também pode ser cachorro...**

“Aí, eu fiz: ‘empleitei’ com esse homem e ele virava lobisomem e eu não sabia”, diz, em tom grave, a benzedeira de São Mateus. Continuou: “Nesse dia, ele tinha virado lobisomem. Aí chegou o pessoal do Sernambi [e disse]: – Tava lá o lobisomem! – E eu pensando que era outro e era ele. Virava lobisomem!” Situação absolutamente corriqueira é conhecer ou até mesmo ser parente de um lobisomem. “A minha mãe mesmo via, tinha um afilhado de minha vó que virava lobisomem. Vovó diz que ele tinha aquele vício de *virar*”, acrescenta Dona Edézia, integrante do Jongo, no mesmo município. Até aí, tudo bem, pois em lugares onde se tem muitos filhos a chance da maldição se abater sobre algum aumenta,



estatisticamente falando. Mas tem como se precaver, e para evitar a maldição existe a seguinte regra: em casa onde nascem sete filhos homens seguidos, o mais velho tem que batizar o mais novo, do contrário o caçula se transformará em lobisomem; no caso das mulheres (sete filhas) o procedimento é o mesmo, com o diferencial que a maldição as transforma em patas. Seguindo as normas a maldição não pega, mas quem deixar passar – por descrença ou negligência – ainda pode quebrar o encanto mais tarde, quando os olhos de São Tomé virem o futuro e constatarem que a fantasia pode ser real. [Para saber tudinho, veja o quadro com simpatias para não virar lobisomem e para quebrar o encanto].

As histórias permeiam o dia a dia dos moradores de norte a sul do Espírito Santo, trazendo consigo as crenças e superstições de tempos remotos e terras diversas. A convicção de que esses acontecimentos maravilhosos são reais é quase uma religião sem líder, em que a fé é alimentada pelo ‘inexplicável’ da vida e perpetuada pelas nuances, ora suaves, ora contundentes de um poderoso instrumento de sedução e de persuasão: a voz. Do outro lado, o terreno fértil dos ouvidos atentos e da mente curiosa abriga, guarda e transforma tudo, preparando o insólito para a eternidade.

Mas voltando ao lobisomem, uma lenda contada de norte a sul do estado narra sobre a noite em que uma cidade inteira temeu pela vida do bebê que fora levado pelo lobisomem (lobisomem gosta de devorar bebê, principalmente se for pagão): “A mulher ia viajando quando topou, viu aquele *porcão*, porque diz que quando tem criancinha nova assim ele quer pegar pra comer”, conta seu João, perto da divisa com Minas Gerais. “Então procura daqui, procura dali, procura dacolá e descobriu a criança dentro do galinheiro, no ninho. A manta da criança toda triturada. E quando foi no dia seguinte o marido dela chegou e nos dentes dele estavam as linhas da manta da criança. Isso é verídico! Bem... Isso é o que contam, né”, completa Penha, lá no sul capixaba.

**Simpatia pra não virar lobisomem**

Em família com sete filhos homens, a sina está posta, para evitar a maldição há algumas simpatias:

- O irmão mais velho deve batizar o mais novo;
- A criança deve se chamar Inácio;
- A primeira roupinha deve ser vestida pelo lado do avesso.

Obs.: no caso de sete filhas o procedimento deve ser o mesmo. A maldição nesse caso consiste em transformar a menina em pata (nas noites de lua cheia elas saem voando pela cidade) ou em mula sem cabeça (que vagam por sete cidades).

**Simpatia pra quebrar o encanto (se você for lobisomem, ou conhecer algum)**

- Ferir o lobisomem com uma agulha virgem;
- Jogar uma faca pelo cabo para ela cair de ponta. O sangue corre, expulsando a maldição;
- Bater no lobisomem com um instrumento de metal (nas noites de lua e na Sexta-feira da Paixão, você vai perceber alterações no comportamento da pessoa, mas nunca mais ele se transformará em lobisomem).

Obs.: Quando for quebrar o encanto, cuidado ao se aproximar.

A lenda acima corre léguas, mas um detalhe curioso é que no Espírito Santo o lobisomem foi descrito como um porco. Isso mesmo, um *porcão*! Atente: existe lobisomem cachorro aqui também, mas impera o porcão. Essas nuances são a tinta regional que distinguem, com encanto, os traços da cultura local. A explicação pode residir no fato de que no interior, onde essas histórias são mais contadas, o porco – no caso o porcão – é um animal muito comum e em algumas situações pode ser também bastante assustador. Os ruídos que ele faz no meio da mata arrepiam e atacam a imaginação do mais convicto dos incrédulos. Pode confiar.

**Elettricidade que atrapalha o imaginário**

Convenhamos que se a chegada da eletricidade deu mais conforto à vida dos moradores, um tanto de magia se perdeu e nossos preciosos seres agora rareiam na aparição. “Aqui tinha saci... Mas tinha era saci! Toda noite ‘saci-saperê’ do lado de lá. Quando botou a luz, zip...

Botou a energia sumiu o saci, acredita?!” – Acredito, Dona Dorota.

O desmatamento é outro problema: “Ai, ai... Antigamente, a gente via muito essas coisas, hoje em dia a gente não vê mais, não, é muita luz, é tudo claro, diminuiu muito a mata. Hoje a gente tem medo é dos vivos. Era melhor ter medo de mula sem cabeça”, diz Tia Mariquinha sob uma bela castanheira. Mas apesar de tudo, e em ato de franca resistência, mitos e lendas sobrevivem no imaginário e povoam com cores e sons a vida dos moradores. O saci é um deles, danado que só ele, não se entrega, e fica piando por aí, confundindo os desavisados!

Mas saci *pia*?

Saci pássaro pia! Dizem que ele assobia assim: “siiiiic. siic, saci, saperê... saci-saperê, saciiii-saperê”, e que quando está longe o assobio está perto e quando está perto o assobio está longe. Faz isso pra enganar a gente, claro, afinal ele é o saci!







### Meninos, eu ouvi!

*Meninos, eu ouvi! Lendas do Espírito Santo* começou, oficialmente, como um projeto de pesquisa, selecionado e patrocinado pelo Programa Petrobras Cultural e pelo Governo Federal através da Lei de Incentivo à Cultura. “Oficialmente”, porque, depois, se tornou puro encantamento...

O projeto visava “delimitar” o Estado do Espírito Santo através de suas lendas e para isso seria feito um trabalho de mapeamento (com pesquisa bibliográfica e de campo) de lendas que ainda habitavam o imaginário capixaba, para depois recriá-las e transformá-las em peças radiofônicas. O desejo inicial era de entrar no mundo fantástico do folclore local e levar a magia para outro mundo, também superlativo, que é o rádio – meio por excelência para transmitir lendas e o único que se vale exclusivamente da oralidade, por isso mesmo a presença forte da tradição oral. Era esse o intento e foi assim que partimos para ouvir...

Escutamos muito. E, de Boi Tatá a procissão das almas, passando pela fenda da Pedra do Pecado, ouvindo consternados a história de amor em que os protagonistas viram praia e rio, escutando estarecidos às versões sobre a praga que um padre rogou em uma vila pacata, você pode saber: é tudo como relatado mesmo, não é lenda, não – eu ouvi!

[Confira algumas das peças radiofônicas do projeto em [overmundo.com.br](http://overmundo.com.br), procurando pela tag *revista-overmundo*]



Para uns, o Saci é o negrinho de uma perna só eternizado por Monteiro Lobato, para outros é passarinho arisco que só se deixa ver quando quer, elegendo um ou outro para pousar no ombro e proteger, acompanhando o eleito pelas estradas cercadas de magia, como quem diz: “Com esse aqui ninguém mexe!” Sendo o Saci quem é, o mais sensato é respeitar.

A presença deste saci pássaro foi contada e recontada em todas as regiões do estado, foi também a única unanimidade entre as dezenas de pessoas que abriram a casa, a memória, o afeto e deixaram correr solta a fantasia nos relatos ao projeto *Meninos, eu ouvi!*, que reúne as lendas e mitos do Espírito Santo em peças radiofônicas. Gravamos um CD com nove faixas de lendas dramatizadas. Ao todo, foram mais de 40 pessoas envolvidas, eu participei da direção de todo o projeto e integrei a equipe de roteirização das peças. São histórias, simpatias e muito encantamento. Foi mágico!



### Pé do diabo, procissão de almas, folia de mortos... Você resiste?

A resposta para a pergunta acima vai mudar de acordo com o grau de sua crença, pois as lendas, além de encantarem, também assustam – e como!

Em Vitória, plena capital do estado, por exemplo, uma lenda “não-urbana” resiste: a lenda do pé do diabo. Contam que um homem muito ambicioso e avaro, na ânsia de enriquecer, fez um pacto com o tihoso, oferecendo o próprio filho como moeda de troca. O arrependimento chegou, mas o diabo não se comoveu, e para tentar salvar a criança inocente, Santo Antônio entrou na história. Essa é mais uma lenda sobre a eterna luta entre o bem e o mal, mas o peculiar aqui é que, ao contrário de tantas, existe uma prova material do ocorrido: a marca do pé do diabo cravada na pedra!

Os moradores, cada um a seu modo, convivem desde sempre com a pedra e com as “lembranças” do acontecimento. Versão vai, versão vem, cada um dá seu testemunho e seu veredito. O triste da história é que há pouco tempo foi levantado um edifício sobre a pedra.

Desrespeito com a memória dos moradores e a identidade do lugar.

Mas entre assombrações e o medo geral, a imaginação transborda, trazendo procissão de almas e folia dos mortos para a testemunha dos vivos. A procissão, que também acontece fora dos limites geográficos do estado traz(ia) uma multidão penitente (e morta) para as ruas de São Mateus, no norte capixaba. Era proibido olhar a procissão, vivo não podia ver porque nem todos resistiam. “Quem via, quem *arresistia* ficava de olho, quem não *güentava* olhava assim, e saía fora”, conta Maria Pastora. Parece que hoje a procissão não passa mais, vai saber... Talvez seja apenas a falta de viva alma preparada para presenciar tanto mistério.

Já a folia dos mortos toca lá no sul do Estado, em Muqui. Vejam só: em Muqui existem tantos grupos de folia (é lá que acontece o Encontro Nacional da Folia de Reis), que tem até uma folia de mortos! Ninguém viu, mas todos ouviram. Vai duvidar?





—  
A loja de discos Copacabana Records, especializada em música brasileira, faz sucesso na Alemanha, a despeito da crise na indústria fonográfica e do fim das lojas de CDs no Brasil  
—

João Xavi, correspondente especial

# Um mundo que continua girando a 33 e 1/3

fotos: João Xavi

Copacabana fica na Bavária. Mais exatamente em Nuremberg, cidade de 600 mil habitantes localizada na parte central do estado bávaro, região que carrega a fama de ser a mais conservadora de toda a Alemanha. Na Copa daqui não tem água de coco por três reais nem mesmo Helô Pinheiro (ops! essa é de Ipanema!). Mas tem Nara Leão, Chico Buarque, Jorge Ben e também um grande acervo do selo Elenco, um dos principais celeiros da bossa nova nos anos 1960. Maurício Villarinho, paulistano, artista plástico e ilustrador por profissão, é o empreiteiro desta viagem. “No final dos anos 50, no Brasil, foi inacreditável a produção de discos com música de primeira qualidade: Tom Jobim, João Gilberto, todo pessoal do Samba-Jazz, o Beco das Garrafas... tinha tanta coisa maravilhosa! Não é? E Copacabana é uma homenagem a todo este pessoal que deixou um legado fabuloso para o mundo”, conta.

A Copacabana daqui não serve de cenário para o passeio matinal de velinhos, babás e crianças, tampouco, à noite, de palco para o brilho das meninas que ganham a vida nas calçadas do bairro. O público da Copacabana Records é formado por apaixonados pelo bom e velho disco de vinil. A maioria deles marmanjos, lá pela faixa dos 40, 50 anos, mas seria um erro engessar os frequentadores num estereótipo, já que a loja também recebe um fluxo de gente mais jovem, interessada em diferentes novidades e velharias que aqui são tratadas carinhosamente pela alcunha de clássicos. “Tem discos que ninguém encontra e eu vou atrás. Às vezes demora até uns três meses, mas eu encontro, e aí os caras ficam doidos”, diverte-se Maurício, que teve um “empurrãozinho” da esposa como motivação para iniciar o negócio. “Olha, de tanto disco que tinha em casa minha mulher falou para eu ir embora, ou para abrir uma loja e vender esses discos [risos].” Depois ele mesmo se apressa em explicar: “Não foi isso, não... foi a paixão pela música mesmo.”

## A princesinha da Baviera

Confira trechos da entrevista em vídeo onde Maurício mostra algumas das maiores raridades da loja, coisas como a primeira prensagem do disco de estreia de artistas como Beatles, Jorge Ben e Mutantes. Fala sobre a rotina de procurar discos pelo mundo afora e não poupa piadas e boas risadas.

A força do nome e a presença legitimamente brasileira à frente do negócio me faziam acreditar que a proposta principal da loja era suprir a carência de europeus e brasileiros apaixonados pelas músicas dos Brasis. De fato o acervo de música brasileira é bem grande e plural. Vai desde o primeiro álbum do Sérgio Mendes (*Dance Moderno*, de 1961, raridade orgulhosamente exposta na vitrine) até o clássico Punk *Deixe a terra em paz*, da banda paulistana Cólera (descanse em paz, Redson). A procura pelas bolachinhas *made in Brazil* é grande. Discos de gente como Jorge Ben, Tom Jobim e Mutantes não param na loja. É chegar, lavar (sim, os discos são devidamente lavados numa maquininha especial e saem da loja brilhando como novos!) e botar para vender. Mas mesmo com o bom fluxo de produto nacional, fui descobrindo em meio ao nosso bate-papo que o segredo do sucesso desta Copacabana não se resume à nossa música, mas tem relação sim com um “jeitinho brasileiro”. É algo que se esconde na sutil relação que Maurício desenvolve com cada cliente.

“Este tipo de comprador é o meu motor da loja, minha locomotiva de verdade. Eles vêm da região metropolitana aqui de Nuremberg e até de fora, são colecionadores. Mas tem também o público normal, que vem para comprar um disco de cinco, dez euros, claro. Acho





que o objetivo não é dinheiro, isso é uma coisa secundária... Para mim, o objetivo maior é a música. Então, meu, se a pessoa comprar o disco de 1€, eu já fico feliz de estar vendendo uma coisa boa, não importa quanto custa. Não faço esta distinção. É claro que o cara que gasta mil me deixa mais contente [risos]. Mas eu trato todo mundo da mesma forma”, diverte-se.

Pode soar cafona, mas Maurício não comercializa discos. Ele é na verdade um “vendedor de sonhos”. Seu negócio não é simplesmente revender música brasileira, ou qualquer outro tipo de gênero, subdivisão ou especialidade. Este paulista bom de papo atua como um garimpeiro de raridades, que são, para seus compradores, verdadeiros fetiches, objetos de desejos. Existem discos que são como lendas, procurados anos a fio por colecionadores apaixonados e que foram pouquíssimas vezes de fato vistos e tidos em mãos. São justamente estes os discos que lotam a lista de encomendas a serem resolvidas pelo faro e a boa rede de contatos de que Maurício dispõe. Corresponder aos desejos de seus clientes e ainda oferecer as pérolas sonoras por um preço bacana são a estratégia central, a alma de um negócio movido a Soul Music. Disco não se vende como pedra (nem mesmo como as preciosas) e, apesar de existirem cotações estabelecidas em catálogos rigorosos e um mercado global altamente especializado em vinis raros, Maurício procura sempre repassar seus achados a preços justos. “Eu consigo achar os discos relativamente mais baratos do que a moçada costuma cobrar por aí. Tem gente que mete a

mão mesmo! Mas por que vou repassar supercaro para os caras que vêm sempre aqui na loja? Eu ganho o meu, eles ficam felizes e voltam sempre. É assim que funciona.”

Para saciar o desejo de seus compradores, Maurício precisa enfrentar uma rotina de trabalho bem intensa. O “caçador de bolachas” chega a viajar regularmente de duas a três vezes por mês na busca pelas raridades que movimentam a loja. “Para mim, juntou as duas coisas que eu mais gosto na vida: música e viajar. É maravilhoso, né? É sempre interessante. Fica sempre assim uma expectativa: o que eu vou encontrar? Em toda caixa que eu mexo, em todo porão que eu vou ver disco, ou em feira de rua, é sempre interessante. Pô, o que eu vou achar, meu? Às vezes aparecem coisas fabulosas... às vezes não acho nada! [risos]”

Os destinos mais frequentes são Estocolmo, Amsterdã, Rio de Janeiro e São Paulo. Cidades onde, em porões úmidos e empoeirados, a mágica da descoberta acontece. Depois de alguns dias dedicados à busca e isolado do mundo real, Maurício sempre retorna à loja carregado de pérolas sonoras e sofrendo com a alergia a poeira, ironia do destino para quem escolheu viver próximo a uma quantidade tão grande de LPs e compactos. “Comprei nesta última viagem cerca de 500 discos. Trouxe 120 comigo na mala e o resto eu mandei pelo correio, por expedição. Cheguei de viagem ontem, e olha quantos dos 120 ainda estão aqui (restavam mais ou menos uns 30 discos). Os caras sabem que eu chego de viagem e já vêm atacando. Às vezes não dá tempo nem

de botar na estante. Eles já saem levando tudo”, conta Maurício em meio a gargalhadas.

Em um ambiente como este é impossível não se lembrar de clássicas referências cinematográficas como *Alta fidelidade* e *Durval Discos*. O segundo, com toda sua dose de psicodelia e um clima forte de anos 60 e 70, parece ter mesmo muito a ver com Maurício. Um cara que de fato não parou no tempo, mas que também não se deixa iludir por todos os milagres do mundo moderno, Maurício valoriza muito o contato presencial e estabelece a rotina da loja como um verdadeiro ritual de troca com os clientes. Esta é uma das razões pela qual a Copacabana Records ainda não lançou seus tentáculos no mundo da WWW. Para Maurício, a graça nesta brincadeira de procurar e revender

discos é o bate-papo com outros aficionados pelos vinis. É um processo que acontece de forma natural e muitos dos clientes que nestes quase três anos frequentam a loja semanalmente, ou mesmo várias vezes na semana, criaram vínculos de amizade com Maurício e entre si.

A loja virou um ponto de encontro e a boa prova disso é a visão desta Copacabana num dia de sábado, cena que lembra de longe a agitação do bairro carioca. Lotada de gente instigada com o que vê e ouve, numa troca de energias e informações que gera um burburinho quase tão melódico como os discos que lá são vendidos. E Maurício, um típico boa-praça, atua como regente nessa sinfonia de viciados pelo “barulhinho bom” do mais-vivo-do-que-nunca disco de vinil.







### Vinyl Land: conexão BH-Londres viabiliza novos lançamentos

DJ *old-school* que (assim como eu) só discoteca com vinil, Luiz Valente, mineiro radicado em Londres, fez nascer de sua frustração de não poder tocar muitos de seus artistas favoritos a motivação para colocar na praça discos em vinil (sejam eles LPs ou compactos) de música brasileira contemporânea. Foi assim que em 2008 Luiz trouxe à luz um selo batizado como Vinyl Land. A iniciativa de Luiz engloba os artistas que estão perfeitamente acostumados com a distribuição e circulação de MP3 e que dialogam bem com as mídias digitais oferecidas pelo mundo atual, mas que nunca tiveram a oportunidade de ouvir suas próprias canções registradas e reproduzidas a partir do disco preto de acetato.

Desde sua estreia (com o EP da banda carioca Autoramas, em formato sete polegadas), o selo já soma 18 lançamentos, número bastante expressivo em um momento em que se fala tanto em crise no mercado de discos. E a proposta de retomar a produção em vinil, além de artística e estética, acaba ganhando também apelo econômico no mercado

da música. Grande parte dos compradores de discos são pessoas que nutrem uma relação especial com a música, e/ou que buscam no consumo destes bens apoiar seus artistas favoritos. Existe ainda a inegável argumentação da qualidade sonora superior do formato vinil, o que sentido pelos ouvidos mais treinados e também comprovado por técnicos de áudio.

Outra coisa que gera estranhamento nessa discussão sobre o suporte em que se consome a música é uma aspiração tipicamente brasileira de sobrepor as tecnologias em busca da sintonia com uma determinada “modernidade” da época. É claro que, com o lançamento de uma nova tecnologia, e com uma nova possibilidade de meio de consumo, o mercado se modifica e se “retalha”. Mas muitas das pessoas “normais” (não colecionadoras ou aficionadas por música) seja nos Estados Unidos, Europa ou Japão, não param de comprar vinil por causa do lançamento do CD. A pergunta que fica no ar é: por que no Brasil essa história se desenvolveu de forma diferente? A ponto de chegarmos a ter apenas uma única fábrica de vinil em funcionamento, a heróica Polysom, localizada em Belford Roxo, Baixada Fluminense (RJ), que só



se manteve de pé por comercializar também outros produtos plásticos como copos e pratinhos de festas. Por que será que os brasileiros perderam a vontade de ouvir músicas em discos e fitas? Eu não sei. Alguém sabe? Não acredito muito em razões econômicas pelo ponto de vista do consumidor final, já que aqui na Europa comercializa-se ainda, por exemplo, fitas K7 novas por preços baixíssimos.

Voltando à Vinyl Land, os lançamentos promovidos por Luiz em parceria com outros selos e as próprias bandas englobam uma gama bem plural de artistas brasileiros contemporâneos. Uma passada de olho rápida no *casting* revela nomes ligados ao rock, como os cariocas do Canastra, a galera do Rock Rocket, ou mesmo a revelação indie-suburbana Lê Almeida. Também há coisas interessantíssimas no que se convém chamar de MPB, como por exemplo, o single *Vermelho* da cantora e estilista Nina Becker, ou *Efêmera* o aclamado álbum de estreia da cantora paulistana Tulipa Ruiz ou até mesmo um *best of* comemorando os dez anos de carreira de Lucas Santtana (um dos meus favoritos do selo). Vale ainda a pena citar os lançamentos sete polegadas, o famoso compacto,

do paulistano Curumin (justamente com a música “Compacto”, que merecia de qualquer forma ser lançada neste formato) e também o single funkeado de BNegão, com duas músicas extraídas do já clássico álbum com os Seletores de Frequência.

Curioso é pensar como o trabalho de Luiz e o de Maurício de certa forma se complementam. Um garimpando as antiguidades, e o outro a contemporaneidade. Ambos expondo para o próprio Brasil e para o mundo pedacinhos do que nossa a música tem de interessante. Creio que não há de se excluir possibilidades, ou de se criar fundamentalismos, purismos e fanatismos. Interessante de verdade me parece ser o movimento de pensar e sentir a música sem anacronismos ou devaneios tecnológicos, e seguir vivendo todos os tempos que nosso tempo há de nos oferecer.

Ah, vale ainda lembrar que os discos lançados pela Vinyl Land podem ser comprados das mãos dos artistas em shows e festivais ou ainda diretamente do site da produtora – e chegam bonitinho em casa, eu já testei...



Há 30 anos, JC comanda a Hora do Boi e afirma ser o primeiro programa a falar abertamente sobre chifre no rádio brasileiro

Marcos Paulo

# O corno mais assumido do Brasil na sintonia do chifre

fotos: Marcos Paulo

“Muita gente liga, quer falar das suas mágoas e a gente conversa, dizendo que não é daquela maneira que a pessoa vai se livrar do chifre. Uma vez chifrudo, sempre será até o final. Não tem jeito.” Há pelo menos 30 anos este é o roteiro seguido à risca pelo corno mais assumido do Brasil, João Carlos, ou JC, em seu programa dominical *A hora do boi*. O chifrudo mais bem-humorado de Porto Velho fala de “chifre” com naturalidade ímpar, durante as três horas em que permanece no ar, na rádio Transamazônica – do meio dia às 15h. E ele não está só. Cerca de 400 pessoas, homens e mulheres, participam através de ligações; ora para admitir ao vivo que “foi o último a saber”, ora para dedicar música brega ao ex-marido chifrudo. Cinco anos após a primeira entrevista no *Overmundo*, JC afirma que, desde 2006 até hoje, o número de ouvintes dobrou. “Tem mais boi na linha do que você imagina”, sorri.

Não demora muito, o radialista atende mais uma ligação. Do outro lado da linha, uma voz cambaleante pede alô para todos os “bois” do bairro Ipase Novo, Zona Norte da capital, e para um “internacional boliviano”. É surreal a facilidade de expor o que para alguns é uma dificuldade na hora de passar pela porta. “Aqui quem responde também é corno”, frisa JC. Pronto. O domingo do chifre começou.

Que o diga o funcionário público Jorgiel Nogueira Duarte, 55 anos, assíduo ouvinte do programa e fã declarado de JC. Sofreu um bocado quando soube, há três anos, que a (ex-)esposa o traía com o melhor amigo. Não deu pra evitar. Pensou, pensou... E chegou a conclusão de que amansaria o chifre de forma radical, arrumando outra mulher. “O cara que não for corno não entra no céu porque São Pedro pega pelo chifre”, crê.

Conformado, seguiu em frente. Começou a acreditar, a partir de então, na velha máxima de que “o que os olhos não veem, o coração não sente”. Foi mais além e profetizou contra si mesmo: “Chifre é a coisa mais normal porque todo mundo tem ou terá um dia”. Foi dito e feito. Hoje o funcionário público está solteiro porque, acredite, ficou sabendo outra vez que a (ex-)namorada esteve, digamos, nos braços de outro rapaz, conhecido como “Pé-de-Pano”, que “fez o serviço” na calada da noite ou no sossego do dia – não se sabe. “O importante é que estou tranquilo”, garante Jorgiel.

Para JC, o sucesso do programa está em plena sintonia com a internet. Embora não tenha um canal exclusivo para falar com seus ouvintes online, o radialista comemora com veemência a banalização do assunto e a quebra de um tabu. “Antigamente, falar a palavra corno já era agressivo, hoje virou piada. As pessoas estão aceitando de um jeito mais gostoso, mais à vontade”, provoca. Ele confessa ter sido “corneado” por várias mulheres sem carregar nenhum trauma. “Cara, lavou, enxugou, tá nova. Não é assim que diz a música?”, referindo-se à canção “Mulher madura”, de Frank Aguiar. Ele classifica a traição como “uma coisa da Antiguidade” e acredita nos direitos iguais com a plena satisfação do homem e da mulher em todos os sentidos. Justifica sem meias palavras que o sexo é, na maioria dos casos, o fator decisivo para “pular a cerca”. “Isso aí é uma necessidade: às vezes a mulher não é bem atendida em casa e acaba sendo fora. É a mesma coisa com o homem: muitas vezes ele tem uma mulher bonita, mas que é realmente devagar, enquanto a outra tem um destaque especial na cama. Pô, o cara quer coisa boa. Hoje em dia ninguém é dono de nada”, declara.





Sócio-fundador da Associação dos Cornos de Rondônia (Ascron), fundada em 1982, em Porto Velho, JC afirma que *A hora do boi* é o primeiro programa de rádio no Brasil transmitido ao vivo para um público específico, assumido e simpatizante. Em outras palavras, o boi é a próxima vítima. Com sucessos da década de 1970 e 1980, ao som de Reginaldo Rossi, Valdick Soriano, Ovelha, Falcão, entre outros, o apresentador mantém o que faz, independentemente de estar ou não acompanhado. “[O programa] sobrevive firme e forte até hoje porque sou capaz de deixar qualquer mulher pelo meu programa”, ressalta.

O atual presidente da Ascron, Pedro Soares, chamado ao vivo por JC para conceder entrevista, não perde um *A hora do boi* porque precisa ficar ligado nos possíveis futuros sócios da associação que tem hoje, registrados, nada menos que 6.788 sócios só em Rondônia. São 3.588 homens e 3.200 mulheres associados, com direito a carteira de corno, convênio em farmácias e moto-táxi, acompanhamento psicológico, tratamento médico e atendimento jurídico. Gente da alta sociedade, inclusive. Se contar com os simpatizantes, aqueles que frequentam a Ascron mas não são sócios, estima-se que haja um salto para mais de 8 mil chifrudos(as).

Todo esse movimento começou quando o presidente foi chifrado pela (ex-)mulher. Achou melhor não esquentar a cabeça. Foi solidário e criou na sua própria casa a associação, com objetivo de ajudar quem está com a pulga atrás da orelha ou deu de cara com o *Ricardão*.

“Fazemos um trabalho diferenciado, prestando assistência não só a homem e mulher, mas diversificando e abrangendo também o público LGBT, que tem nos procurado a cada dia mais na Ascron”, diz Soares, que está acima de qualquer preconceito em relação à escolha sexual de cada pessoa. “O *gay* tem o ‘bofe’, tem ciúme e consequentemente, às vezes, leva chifre”, explica.

Em 2006, a grande novidade da associação era a criação do *Plantão do Corno*, serviço de acompanhamento para casos de separação mais conflituosos, que voltará à cargo no período de festas. “Durante o fim de ano, aumenta o número de casos, por isso teremos quatro advogados e duas psicólogas à disposição para situações delicadas, ou seja, de revolta ou não aceitação do chifre”, informa. Exaltado pelo reconhecimento da mídia, o presidente da Ascron revela que cornos de outros estados resolveram aderir ao movimento e fundaram associações para suprir a necessidade, segundo ele, crescente e não só no Brasil.

Pensando nisso, Pedro Soares elaborou um projeto audacioso, o *Habita Corno*, uma espécie de moradia temporária para quem for chifrado(a) e não tenha nenhum lugar para morar. “A ideia é construir em breve casas, em parceria com a Caixa Econômica Federal, para o corno não ficar desamparado ao sair de casa sem ter para onde ir”, planeja o presidente, que garante ter boa aceitação da proposta por parte da direção do banco e apoio de alguns parlamentares locais. “Com certeza vai dar polêmica”, ri bem-humorado.



**Conheça a seguir alguns tipos de cornos mais comuns, segundo o ‘expert’ no assunto, JC**

*Gelo*: não esquentar nunca.

*Cuscuz*: quando sabe do chifre, abafa.

*Advogado*: sabe que a mulher é culpada, mas continua defendendo.

*Mecânico*: vive reclamando da mulher, mas promete consertá-la um dia.

*Boxeador*: vê a mulher com outro e quer dar porrada.

*Corno 120*: encontra a mulher em casa fazendo 69 e vai para o bar tomar uma 51.

*Vingativo*: descobre que a mulher está dando e resolve pagar na mesma moeda.



# Ouro do sertão

—  
Fruto típico do cerrado,  
o pequi é rico em paladar  
e em mitologia. Você já ouviu  
falar dos “filhos do pequi”?  
—

Jean Marconi



Certa vez catamos o suficiente pra encher um porta-malas de um Fiat 400l. Comemos pequi até “enfarar”, como dizem lá no norte de Minas. Assim como outros frutos do cerrado, de alguns anos para cá o pequi tem sido cada vez mais valorizado. Pesquisadores descobriram suas propriedades nutricionais e chefes de cozinha têm “usado e abusado” dele como ingrediente para o preparo das mais variadas receitas. Mas, para os povos dos sertões e das veredas, ele jamais perdeu seu valor. O pequi é o verdadeiro ouro do sertão.

Não acredite em quem diz que o cheiro do pequi é forte, enjoativo; é preciso experimentar para realmente conhecer. Não tente se convencer que é bom, deixe-se ser convencido. Este é o *Caryocar brasiliensis*, mais que um vegetal, um símbolo de cultura, persistência e tradição de um povo. No livro *Cerrado: espécies vegetais úteis*, seus autores dedicam sete páginas ao pequi (também conhecido como piqui, piquiá ou piqui-do-cerrado), percorrendo sobre sua ocorrência, distribuição, floração, botânica, uso, entre outros. Pode ser consumido com arroz, feijão, galinha, ou batido com leite e açúcar. Seu uso medicinal tem efeito tonificante, sendo usado contra bronquites, gripes e resfriados, é expectorante, e o chá de suas folhas é tido como regulador do fluxo menstrual.



## Mas o pequi é mais que isso!

Há histórias de crianças “filhas do pequi” – aquelas que nascem exatamente nove meses após a temporada do fruto, pois ele é tido também como afrodisíaco. Lamber chapéu de couro é a única alternativa para retirar seus espinhos da língua daqueles mais descuidados. Conta-se também que as índias esfregavam o fruto nas partes íntimas para evitar que seus companheiros as procurassem (algo que não devia adiantar muito porque, para quem gosta, o aroma do pequi é irresistível).

O pequizeiro é árvore robusta e sua flor é de excepcional beleza. Seu sabor é único (assim como o é o do buriti e o do jatobá, entre outros), não há fruta que se possa comparar. O pequi deve ser colhido no chão, sinal de que está no ponto; se for colhido ainda no pé, ele não amadurece e prejudica a próxima safra daquela árvore. E catar pequi não é uma tarefa leve, por mais simples que possa parecer o ato de se agachar para pegar um fruta do chão. Você abaixa, pega, e levanta; abaixa, recolhe, levanta, abaixa, cata e levanta tantas vezes que haja coluna e joelho pra aguentar! A casca é dura; por dentro, às vezes um, dois ou quatro frutos amarelos, carnudos. Dizem que o nome vem do tupi e significaria “pele espinhenta”. Se morder já era! – milhares de espinhos minúsculos que recobrem o caroço vão encher sua boca e língua. Tem que raspar com os dentes, roer mesmo. E depois de roído, você ainda pode colocar ao sol para secar, abrir o caroço e comer a amêndoa, que, em certos lugares, chamam de “bala”.

Muita gente congela o fruto para ser consumido ao longo do ano, mas ainda não chegaram a um consenso se ele preserva mais o sabor e maciez sendo congelado depois de cozido ou *in natura*. Por ser muito apreciado na região Centro-Oeste e em estados adjacentes, vários municípios já realizam uma festa em celebração ao pequi, uma maneira de agradecer à dádiva deste fruto da savana brasileira. Começando por Minas, podemos ir a Montes Claros, que já vai pra 21ª Festa do Pequi. Indo para Curvelo, é possível encontrá-lo em compotas ou em barras, tal como uma rapadura. Já em Alto Belo, distrito de Bocaiúva, há uma competição para ver quem come mais pequi (cru) e uma premiação também para o maior pequi colhido. O do ano passado, com casca e tudo, chegou a impressionantes 1,5kg! Em Goiás, pode-se passar em Damianópolis, onde um doce de leite preparado com o óleo do pequi é simplesmente inesquecível.

Ainda na divisa goiana, em Crixás, noroeste do Estado, há também a celebração da fruta da estação. Tive o prazer de presenciar o Festival do Pequi em sua quinta edição, no último ano. No espaço da feira, diversas barraquinhas onde pratos típicos da culinária local eram recriados aproveitando o pequi. Em outro canto da cidade, uma oficina ensinava, a quem quisesse, requintadas e deliciosas receitas, tendo o fruto como principal ingrediente. No dia seguinte, desfile em comemoração ao festival e ao aniversário da cidade. Muitos carros alegóricos com crianças caracterizadas de bandeirantes, indígenas, mineradores, gente que colonizou aquela região. Quantos deles serão “filhos do pequi”?



# Espuma de mandioquinha com pequi e lâminas de frango

(Receita da chefe Carla Tamyrys)

## Espuma de mandioquinha com pequi

Ingredientes:  
500 ml leite  
200g pequi descascado em conserva  
2 colheres de sopa de manteiga  
4 mandioquinhas grandes

Modo de fazer:  
Pegue as mandioquinhas, leve para cozinhar por dez minutos. Descasque as mandioquinhas ainda quentes e use um espremedor para formar um purê.

Em uma panela, coloque 300ml de leite e 200g de lascas de pequi. Deixe cozinhar por 15 minutos. Pegue a mistura ainda quente e bata no liquidificador até formar uma pasta homogênea.

Misture o purê da mandioquinha com o purê de pequi. Em uma panela, ferva 200 ml de leite com duas colheres de sopa de manteiga e junte ao purê de batata com pequi. Bata tudo no liquidificador novamente. Bata com a batedeira depois que esfriar.

Obs.: O ideal é colocar a mistura em uma garrafa de chantilly e deixe descansar, o gás ajuda a formar melhor a espuma.

## Lâminas de frango

Ingredientes:  
2 peitos de frango  
2 colheres de sopa de manteiga de leite  
Coentro picado  
Sal  
Pimenta-do-reino moída na hora  
Alho  
100g de *cream cheese*

Modo de fazer:  
Corte o peito de frango em lâminas bem finas. Coloque em um recipiente refratário untado com manteiga. Tempere com alho, sal, pimenta e coentro picado a gosto. Leve ao forno pré-aquecido a 180°C por quatro minutos. Corte as lâminas de frango em fatias, monte o prato e finalize com o *cream cheese*.





# Iconografia **pop**

—  
O artista Evandro Prado  
satiriza das grandes  
corporações às grandes  
religiões em suas obras  
—

*Evandro Prado | Perfil*

Profanar dois símbolos sagrados logo em seu primeiro trabalho de grande repercussão não é para qualquer um. Evandro Prado fez isso com a figura do papa e a representação icônica da Coca-Cola, em 2006, quando com somente 20 anos de idade já levava ao Marco (Museu de Arte Contemporânea de Campo Grande) alguns de seus trabalhos, em mostra individual. Na série *Habemus Cocam*, com trabalhos que misturavam a marca de refrigerante e a religiosidade cristã, causou tanta polêmica que o caso lhe rendeu um processo de um arcebispo local!

Do Mato Grosso do Sul a São Paulo, onde vive atualmente, o jovem artista conta em entrevista como a relação entre sagrado e profano tem permeado sua visão artística. Nascido em 1985 e formado em Artes Plásticas pela Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Prado mapeia sua rede de relações, que vai dos artistas plásticos locais a importantes curadores de renome internacional.

**Sagrada Coca-Cola de Jesus**  
Acrílica sobre tela  
110 x 150 cm  
2005



## **Papa**

Da série  
Estandartes,  
Tecidos bordados  
sobre tecido  
140 x 100 cm  
2008

## **Catedral**

Pintura, oxidação  
de pregos sobre  
tecido  
180 x 110 cm  
2011







**Habemus Cocam**  
Acrílica sobre tela  
110 x 180  
2005



**Poenitentia**  
Instalação, 33 kg  
de pregos  
200 x 180 x 250 cm  
2008

**Você é um artista jovem, ainda com 26 anos, e estourou na flor dos 20, causando grande burburinho e polêmica em Campo Grande. Como foi lidar com isso?**

De forma muito natural. E, na verdade, nem foi tuuuudo isso. Simplesmente fiz uma exposição que foi polêmica, gerou debate. Aumentou muito a visitação do museu naquele período, e ganhei um processo. Mas, na verdade mesmo, não mudou quase nada minha vida. Só posso dizer que foi muito legal que tudo aquilo aconteceu!

**Em 2006, a série *Habemus Cocam*, justamente a que lhe alçou ao reconhecimento nacional, trazia ícones e figuras religiosas, inclusive a imagem do papa João Paulo II, misturadas a símbolos do capitalismo e da política. Você chegou a sofrer um processo criminal movido pelo arcebispo de Campo Grande, que alegava que a exposição das obras estaria “causando impacto moral e emocional negativo na comunidade local, especialmente na religiosa católica”. Mas e em você? Qual foi o impacto que este processo causou em sua produção artística?**

Eu levei um susto! Eu nunca imaginei que aquelas pinturas fossem causar tanto impacto na sociedade católica de Campo Grande, que mobilizaria tamanho debate público, envolvendo o bispo, vereadores e deputados, e muito menos que mostrasse essa face negra da igreja e desses políticos que queriam cancelar a exposição e destruir as obras. Durante aquele período, eu fiquei na retaguarda, só me defendendo. Porque, afinal, minhas obras continuaram expostas no museu.

Depois disso, o que ficou em mim foi um pouco mais de consciência

da verdadeira face das pessoas, das instituições e de seus interesses. E o que refletiu no meu trabalho foi justamente a vontade de cada vez mais mostrar esse lado menos glorioso da igreja, só que em trabalhos de arte que fossem menos literais. A crítica pode ser mais sutil, até mesmo passando despercebida.

**E a Coca-Cola? Houve alguma manifestação da empresa a respeito do uso de suas marcas?**  
Eu sei que ela foi procurada em muitos momentos para se colocar, tanto pela imprensa quanto por alguns políticos. E nunca se manifestou a respeito.

**Em *Fé na Tábua* e em *Alegorias Proféticas* [outras mostras que vieram na sequência], você revisita temas religiosos. Qual a sua relação com a fé e a doutrina religiosa? Por que esse elemento está tão marcadamente presente em sua obra?**

Em toda a minha produção aparece a questão religiosa. A princípio o que me interessa é a estética, o visual, a beleza dessas imagens. Em seguida, seus significados e o poder que exercem sobre as pessoas. Então, eu começo a macular essas imagens e mostrá-las de outra forma... É o que mais me interessa.

**Sobre a fase atual em São Paulo, a mudança diz respeito a alguma expectativa de maior alcance na projeção nacional e internacional de seu trabalho? Como você encara esta questão da visibilidade para o artista fora do chamado eixo Rio-São Paulo?**

Com certeza vim para São Paulo em busca de novos horizontes! Novos desafios! E estou muito feliz por aqui, principalmente com o que tenho aprendido. Tenho uma vivência

diária com as artes plásticas, e o pensamento artístico não para de mudar. Isso é muito bom! Aqui, faço parte também de um grupo de artistas, o ALUGA-SE, que tem muitas propostas ousadas e questionadoras.

**Qual a sua relação com outros artistas sul-mato-grossenses independentes? E, nessa mesma linha, qual a sua relação com outro artista do Mato Grosso do Sul já bem conhecido, Humberto Espíndola?**

Tenho muitos amigos artistas em Campo Grande. Uma relação ótima de amizade mesmo, com a Priscila Pessoa, o Mauro Yanase, a Nilvana Mujica... e tantos outros... Não parei de acompanhar a produção da cidade e estou sempre por lá, afinal, a minha família toda continua morando em Campo Grande. Eu sou a única ovelha da família fora do Mato Grosso do Sul.

Humberto [Espíndola] é um grande amigo! Um grande artista que me inspirou muito, principalmente na série *Habemus Cocam*. Admiro muito!

**Como é figurar em catálogos de importantes curadores como o próprio Humberto Espíndola e Paulo Herkenhoff, ex-diretor do Museu Nacional de Belas Artes e ex-curador do MoMA?**

Graças ao fato de sempre ter participado de exposições também fora de Campo Grande, sempre mandei trabalhos para salões de arte. Muitas vezes, tive trabalhos premiados, e alguns salões publicam catálogos importantes com textos de grandes nomes da crítica, como foi o caso de Paulo Herkenhoff no salão do Pará, da Aracy Amaral no Rumos Itaú Cultural e em alguns outros casos. É uma forma muito importante de já ir registrando nossa produção na história!





### Crucificado

Fotografia

17 x 17 cm

2011

Participou da ação

Pagou Levou do

Grupo Aluga-se

### Ascensão

Instalação, escada e vinil adesivo

600 x 200 cm

2010

Montagem na exposição „Marco Alugado”  
do Grupo Aluga-se em Campo Grande, MS



### Nossa Senhora Coca-Cola

Acrílica sobre tela

100 x 150

2009



### Peccatoribus

Instalação, tecidos bordados sobre tecidos

280 x 100 x 500 cm

2011

Obra montada na exposição “The dirty and  
the bad from São Paulo to Sbondborg” do  
Grupo Aluga-se na Dinamarca



